

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

FRANCISCO ROXO BARJA GALANTE

**A REPRESENTAÇÃO DA SOLIDÃO NA CONTEMPORANEIDADE A PARTIR
DAS OBRAS DE EDWARD HOPPER:
UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

SÃO PAULO

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

FRANCISCO ROXO BARJA GALANTE

A REPRESENTAÇÃO DA SOLIDÃO NA CONTEMPORANEIDADE A PARTIR
DAS OBRAS DE EDWARD HOPPER:
UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Paula Guimarães.

SÃO PAULO

2024

Agradecimentos

À meus pais, José, Márcia, Marco e Sílvia, por terem me apoiado na decisão de mudar para outra cidade para cursar a faculdade, tornando isso possível e por constantemente me incentivarem e se preocuparem comigo e com meu desenvolvimento acadêmico e profissional. E à meu irmão, Bernardo, por me acompanhar na mudança e distanciamento daquilo que eu estava habituado.

À minha tia, Luísa, por compartilhar comigo o amor pela arte e por Edward Hopper.

Às minhas amigas Anna Flávia, Chiara, Fe Reis, Laura, Maria Luisa e Michelle, por compartilharem não só o processo de escrita deste trabalho, mas todos os momentos da faculdade comigo, tornando tudo muito mais leve e prazeroso.

À Livia, que esteve comigo em todos os momentos da minha vida e, nesse processo, me acompanhou em (algumas) idas a cafés para conseguir escrever.

A todas as amizades que pude formar nos anos de faculdade, pela companhia e auxílio.

Às professoras Rita de Cássia Ferrer da Rosa (*in memoriam*), por me auxiliar na decisão do tema deste trabalho, Luisa de Oliveira e Ivelise Fortim de Campos, por me ensinarem muito do que sei sobre os conteúdos aqui usados e Maria Elisabeth Montagna, por me auxiliar na decisão da metodologia, sendo parte essencial para que esse trabalho fosse possível. Ainda, agradeço à professora Marisa Vicente Catta-Preta, por se dispor a ser a parecerista desse trabalho e pelos ensinamentos ao longo da vida.

À professora Dra. Paula Pinheiro Varela Guimarães, minha orientadora deste trabalho, que durante um ano me proporcionou momentos de aprendizado constante, conversas e risadas que tornaram o processo mais agradável e deixou, em minha vida, um vínculo de amizade e admiração pessoal e profissional.

À toda arte por que já me apaixonei e que torna o mundo um lugar mais interessante para se viver.

*“A grande arte é a expressão
externa de uma vida interior no
artista, e essa vida interior resultará
em sua visão pessoal do mundo”*

(Edward Hopper)

ROXO BARJA GALANTE, FRANCISCO. **A representação da solidão na contemporaneidade a partir das obras de Edward Hopper**: um olhar da Psicologia Analítica. São Paulo, 2024. Orientadora: Profa Dra Paula Pinheiro Varela Guimarães.

RESUMO

A temática da solidão contemporânea ainda não foi suficientemente explorada e carece de aprofundamento a respeito dos significados e impactos na vida dos indivíduos. É um fenômeno observado, sobretudo, nas grandes metrópoles, visto que apesar de rodeados de milhares de pessoas, os indivíduos sentem-se sozinhos e sem rede de apoio consolidada. O pintor Edward Hopper, ao longo de sua vida e obra, através de pinturas de cenas do cotidiano, representou fielmente possíveis estados de solidão, tanto para as personagens criadas por ele quanto para seus espectadores. Evidencia-se, assim, a necessidade e a importância de investigar mais a fundo o tema da solidão, considerando a arte, uma das formas de expressão humana mais antigas e meio de acesso a conteúdos dos inconscientes pessoal e coletivo, elegeu-se a obra de Edward Hopper como um caminho para o estudo proposto. A metodologia usada foi composta pela revisão bibliográfica, em especial, da temática da solidão e da projeção em obras de arte, bem como por entrevista semi-dirigida e aplicação de procedimento que visava apreender os aspectos projetados em histórias criadas mediante a apresentação de dez pinturas pré-selecionadas de Hopper, junto a três jovens de 18 a 19 anos. Deste modo, tornou-se possível concluir que o sentimento e o estado de solidão são aspectos difíceis de serem acessados, possivelmente, em decorrência do evitamento de contato com conteúdos que podem emergir a partir da vivência daqueles.

Palavras-Chaves: solidão, Edward Hopper, contemporaneidade, projeção, Psicologia Analítica

Sumário

1 Introdução	8
1.1 Solidão para a Psicologia Analítica	11
1.2 Biografia de Edward Hopper	13
1.3 A solidão na obra de Edward Hopper	15
1.4 A projeção na arte	16
2 Objetivo	20
2.1 Objetivo Geral	20
2.2 Objetivos específicos	20
3 Método	21
3.1 Participantes	22
3.1.1 Critérios de Inclusão	22
3.1.2 Critérios de Exclusão	22
3.2 Instrumentos	22
3.3 Procedimentos	23
3.3.1 Seleção dos participantes	23
3.3.2 Local de coleta de dados	23
3.3.3 Desenvolvimento	23
3.4 Análise dos dados	24
3.5 Cuidados éticos	25
4 Análise e discussão de resultados	26
4.1 Participante 1	26
4.1.1 Caracterização da participante	26
4.1.2 Análise dos conteúdos emergentes durante o procedimento	27
4.2 Participante 2	31
4.2.1 Caracterização da participante	31
4.2.2 Análise dos conteúdos emergentes durante o procedimento	33
4.3 Participante 3	37
4.3.1 Caracterização da participante	37
4.3.2. Análise dos conteúdos emergentes durante o procedimento	39
4.4. Análise comparativa entre os participantes	42
5 Considerações Finais	46
Referências bibliográficas	
Apêndice A – Roteiro da entrevista semi-dirigida	
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
Apêndice C – Transcrições	
Anexo 1 – Pinturas utilizadas	

1 Introdução

Solidão é um conceito estudado nas últimas décadas, mas constata-se dificuldades acerca de sua definição nas produções acadêmicas, considerando seus desdobramentos, causas e fatores componentes. De acordo com Pinheiro e Tamayo (1984), existe uma preocupação, por parte dos autores da área da Psicologia, em definir o termo solidão, principalmente, devido à sua conceituação insatisfatória e definições incompletas.

Em detrimento de não haver consenso entre os estudiosos sobre a definição de solidão, ainda segundo Pinheiro e Tamayo (1984), a ausência de linguagem universal sobre o tema permite a abordagem de apenas algumas de suas dimensões, não abarcando sua amplitude. Os autores, então, propõem a seguinte definição para solidão:

[...] uma reação emocional de insatisfação, decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento [...]. (p. 35)

A dificuldade de se definir a solidão é constatada também por Ferreira (2012), que declara tratar-se de um tema de recente interesse investigativo, associado, no caso de adolescentes, ao retraimento das interações sociais. Complementa, afirmando que a solidão é uma experiência subjetiva, variável para cada indivíduo, desagradável, possivelmente indicativa de carência de relações e, quando se torna extrema, apresenta-se como um possível risco à saúde mental do indivíduo (PERLMAN, PEPLAU, 1984 apud FERREIRA, 2012).

Berguno et. al (2004) atentam para o fato de que a solidão de um indivíduo não pode ser resolvida, exclusivamente, mediante a integração de outras pessoas na vida daquele, visto não ser causada apenas pelo desejo de companhia, mas sinaliza a falta de um tipo específico de relação interpessoal para cada um que a sente. Entretanto, apesar de reconhecerem que a presença de atividade social pode ser uma forma de interrupção momentânea deste sentimento, afirmam que, simultaneamente, pode ser agravadora, uma vez que tem potencial para destacar a ausência de relações significativas.

Perlman e Peplau (1984 apud Ferreira, 2012) expõem que algumas

características pessoais, situacionais e culturais podem contribuir com o sentimento de solidão, dentre as quais, o isolamento social, a timidez, a inibição e a falta de interações sociais, reforçando o aspecto subjetivo e multifatorial de tal fenômeno.

Em concordância com o que foi citado anteriormente, Pocinho, Farante e Dias (2010) afirmam que, devido às diferentes perspectivas de pesquisadores sobre esse tema e à nosologia suceder a epistemologia nas áreas das ciências sociais, humanas e médicas, a solidão seria um conceito propício para se descrever e não, para se definir. Nesse contexto, as autoras dizem que, segundo a explicação sociológica, a solidão seria um atributo difundido entre a população e causado por fatores exteriores ao indivíduo; por outro lado, ao abordarem uma perspectiva interacionista, a solidão se manifestaria como o resultado da combinação de consequências provocadas por fatores situacionais e da personalidade do indivíduo. Para fundamentar esta reflexão sobre o fenômeno, as autoras expõem:

Nesta linha, Weiss (1957) distinguiu dois tipos de solidão: solidão social – em que uma pessoa se sente só e insatisfeita por causa da falta de rede social de amigos e de pessoas conhecidas – e solidão emocional – em que o indivíduo está só e insatisfeito, por falta de uma relação pessoal íntima. (PORCINHO, FARANTE, DIAS, 2010, p. 66)

Ainda segundo Pocinho, Farante e Dias (2010), a solidão, sob abordagem cognitiva, seria uma insatisfação do indivíduo com relações e contatos sociais em oposição aos desejados por ele. Logo, a discrepância entre o grau de conexão realizado e o desejado acarretaria um sentimento de mal-estar.

Contudo, faz-se necessário abordar o tema solidão sob ótica que abranja as situações multifatoriais implicadas, a fim de se atingir uma definição satisfatória, de modo a não se limitar a uma interpretação unidimensional. É importante trabalhar essa temática sob os prismas de dificuldade de inserção em papéis sociais; dificuldades cognitivas e situacionais; expectativas irrealistas por parte dos indivíduos; questões relacionais, dentre outros fatores (BOOTH, 2000 apud POCINHO, FARANTE, DIAS, 2010).

A respeito dessa temática, Rodrigues (2018) reflete sobre a necessidade de diferenciar o termo isolamento social - estado do indivíduo que tem reduzido

número de relacionamentos ou interações sociais - e solidão - sentimento de múltiplas dimensões, decorrente da falta ou baixa qualidade de uma rede social de apoio, ou seja, amigadas, familiares ou outros que atenderiam o indivíduo em momentos necessários. O autor, ainda, contempla o caráter da escolha quanto ao isolamento, relatando que uma pessoa que opta por ficar só e ter uma rede social menor não desenvolverá, obrigatoriamente, o sentimento de estar sozinha (isolamento ativo), como exemplo, menciona que pessoas introvertidas tendem a escolher não se envolverem socialmente de forma constante. A solidão em si, em contrapartida, se daria em razão da desproporção entre os desejos de um indivíduo no âmbito relacional e a rede social que, de fato, mantém (isolamento passivo).

Sob um enfoque contemporâneo acerca do sentimento de solidão, Siqueira, Dias e Medeiros (2019) abordam tal fenômeno no âmbito do trabalho, levando em consideração, dentre outros tópicos, a coisificação do trabalhador, a precarização do trabalho, a pouca abertura para diálogos no espaço organizacional, as disputas e a competitividade nesse ambiente, o excesso de demandas e, principalmente, a exploração do indivíduo; fatores esses que promovem o isolamento do sujeito e o sentimento de estar só. Desse modo, a solidão ultrapassaria a perspectiva individual, caracterizando-se como um campo plural de adoecimento psíquico do indivíduo, que não é incapaz de trabalhar e se comunicar com o outro, mas está inserido em uma realidade que valoriza a disputa entre trabalhadores.

Nessa ótica, segundo Garrett et al. (2012 apud SIQUEIRA, DIAS, MEDEIROS, 2019), diante do aumento do número de pessoas trabalhando remotamente, a sensação de isolamento tem efeito diretamente proporcional, fazendo com que os indivíduos busquem alternativas, como trabalhar em espaços compartilhados em que executam suas tarefas na presença de outros. Os autores prosseguem, explanando que a presença do olhar alheio no ambiente de trabalho serviria como um mecanismo de conforto, contribuindo com a sensação de não estar só e o evitamento de sentimentos de fraqueza, incompetência e ineficiência.

Outrossim, apesar da inexistência de consenso sobre a conceitualização do fenômeno da solidão, este continua presente na vida das pessoas que, mesmo não possuindo conhecimento total acerca desse estado de espírito,

como afirmam Pocinho, Farante e Dias (2010), continuam a senti-lo e descrevê-lo. Sendo assim, é relevante continuar a pesquisar, estudar e aprofundar as causas, consequências e fatores componentes do sentimento de solidão.

Nos capítulos teóricos seguintes, abordaremos o conceito de solidão para a Psicologia Analítica; a biografia de Edward Hopper e a representação da solidão em sua obra; a utilização de técnicas projetivas e a projeção por meio da arte. Em seguida, apresentaremos os objetivos e o método desenvolvido para, então, expormos as análises e discussão dos dados coletados, culminando na conclusão deste trabalho, por sua vez, exposta em suas considerações finais.

1.1 Solidão para a Psicologia Analítica

A solidão tem raiz etimológica associada à palavra só, um termo que deriva do latim *solus*, cujo significado pode ser tanto desacompanhado e solitário, quanto único (CUNHA, 2001 apud MOREIRA, CALLOU, 2006)

Steinke (2016) estabelece relação entre esta etimologia e a perspectiva junguiana sobre os processos psíquicos, destacando a formação da consciência, a diferenciação gradual entre as psiques do bebê e da mãe e o desenvolvimento da personalidade, os quais teriam suas raízes nos processos de separação e diferenciação que, por sua vez, se relacionariam com as vivências de estar só, desacompanhado, solitário e ser único.

Desse modo, o desenvolvimento da personalidade, que pressupõe a diferenciação do indivíduo em relação aos outros e o desenvolvimento de conteúdos psíquicos com base nas experiências culturais, ambientais e interpessoais ao longo de sua vida, seria relativamente solitário por se tratar de uma trilha que deve ser percorrida de forma única e individual (STEINKE, 2016).

Jung ([1921] 2015) define individuação como um processo de diferenciação que tem como finalidade a formação da personalidade particular, distanciando-se da psique coletiva. É um processo entendido como uma necessidade natural do indivíduo, que além de ter sua individualidade física e fisiológica, manifesta-a psicologicamente. O desenvolvimento do sujeito seria impactado pelos relacionamentos que mantêm, visto que não é um ser único

no ambiente em que vive, contudo, a individuação não se trata de um caminho unicamente prescrito por normas coletivas, mas traçado por linhas individuais, de modo a ampliar a vida psicológica consciente.

Este caminho, ao se diferenciar da norma coletiva para que atinja suas finalidades, entretanto, não se estrutura de forma oposta àquela, na medida em que a oposição seria o antagonismo à tal norma. Na verdade, a trilha traçada por cada indivíduo, quando coletivizada com os caminhos individuais de pessoas ao seu redor, compõem a norma coletiva que, por sua vez, orienta os caminhos individuais. De acordo com Jung ([1921] 2015), caso haja a elevação de um caminho individual ao estado de norma, conseqüentemente, haveria um conflito com o coletivo, pois este individualismo extremo seria patológico e contrário à vida, na medida em que entraria em contradição com o fato do indivíduo depender do coletivo para que seu desenvolvimento pessoal seja possibilitado. O processo de individuação, então, pressupõe valorizar as normas coletivas, sem se orientar totalmente por elas, portanto, objetiva o distanciamento do coletivo para que um caminho individual seja formado, mas margeando-se pelas normas coletivas, em função do indivíduo não dever ser alheio à sociedade.

Ao longo de suas obras, Jung não trabalhou especificamente o conceito de solidão como um aspecto próprio ou particular, contudo, articulou conceitos que tangenciam a solidão ou fazem parte desse fenômeno. Um exemplo seria a definição de introversão no estudo dos tipos psicológicos - “Chamo introversão, o voltar-se para dentro da libido” (JUNG, [1921] 2015, § 864) -, que se articularia com a origem do sentimento de solidão de uma pessoa que escolhe estar isolada, ou seja, o indivíduo opta por se distanciar do objeto externo para voltar-se para dentro de si, em um movimento de regressão da libido; a denominada introversão ativa. Em contrapartida, a introversão passiva se daria quando não há esta escolha e o indivíduo não consegue estabelecer relações com outras pessoas, ou seja, não é capaz de realizar o movimento de progressão da libido, investindo-a em objetos externos.

O interesse não se dirige para o objeto, mas dele se retrai e vai para o sujeito. Quem possui uma atitude introvertida pensa, sente e age de modo a deixar transparecer claramente que o motivador é o sujeito, enquanto o objeto recebe valor apenas secundário. A introversão pode ter um caráter mais intelectual ou mais sentimental; pode ser ainda caracterizada pela intuição ou pela sensação. A introversão é *ativa* quando o sujeito *quer* um isolamento em relação ao objeto, e *passiva* quando o sujeito não consegue reintegrar no objeto a libido que dele reflui. (JUNG, [1921] 2015, § 864, grifo do autor)

Em Memórias, Sonhos e Reflexões, Jung ([1961] 1986) afirma que a solidão não significa obrigatoriamente a ausência de pessoas ao redor, mas tem sentido mais complexo, sendo a incapacidade de comunicar às pessoas os elementos julgados importantes ou mostrar o valor dos pensamentos improváveis. O autor exemplifica tal pensamento, afirmando que quando uma pessoa sabe mais do que os outros ao seu redor, torna-se solitária, exatamente por não conseguir estabelecer contato com outras pessoas a respeito de seus conhecimentos e mostrar a importância dos pensamentos que lhe acometem.

Nessa perspectiva, Jung ([1961] 1986) elabora que a solidão não seria obrigatoriamente o oposto de estar em comunidade, visto que o solitário pode sentir-se profundamente inserido nesta e conhecer a si mesmo, mas tem alguma dificuldade na comunicação com outros, logo, a solidão não implica um estado de isolamento físico.

Ainda a respeito da solidão para a Psicologia Analítica, Jung ([1952] 2011) reflete, no livro Símbolos da transformação, sobre como esse fenômeno é uma das formas de ouvirmos nossa voz interior e, assim, acessarmos nosso inconsciente. Segundo o autor, a solidão e o jejum seriam os métodos mais antigos para apoiar a meditação e, conseqüentemente, o acesso ao mundo inconsciente. Portanto, o estar solitário, intensificando o estado de introversão, possibilitaria um mergulho em vivências interiores.

1.2 Biografia de Edward Hopper

A fim de ilustrar a atualidade desse conceito e a presença da solidão em um momento pós-moderno, optou-se por se debruçar sobre as obras do pintor novaiorquino Edward Hopper, especialmente, aquelas em que retrata o sentimento de solidão em suas diversas formas.

Edward Hopper (1882-1967), nascido em 22 de julho de 1882, em Nyac, uma cidade do estado Nova York, foi filho de uma família de classe média. Durante sua vida, demonstrou interesse e talento para artes, principalmente, a pintura. Quando criança, preferia a solidão e estar acompanhado por seus livros a sair e encontrar pessoas, elemento muito retratado em suas obras que, raramente, têm mais de um indivíduo. Ao longo de sua adolescência, revelou ter gosto e pretensão de estudar desenho e pintura, mas foi impedido pelos pais, dado considerarem uma carreira pouco promissora, sendo assim, ao completar dezoito anos, mudou-se para a cidade de Nova York, a fim de estudar em uma escola de ilustradores e, no ano seguinte, transferiu-se para a New York School of Art, na mesma cidade, com o intuito de continuar os estudos de ilustração publicitária; em seguida, especializou-se na arte que realmente almejava, a pintura (PEREZ, 2008; SANTOS, 2009)

Hopper, apesar de ter vivido durante o auge da arte abstrata, não se alinhou a esse estilo, mas caminhou em direção ao realismo figurativo, tendo admiração e influência de diversos mestres do realismo do passado, como Velásquez, Goya, Daumier, Manet e Degas, além daquelas exercidas por um professor da escola na qual estudava, a qual perdurou por anos até Hopper conseguir distanciar-se ao perceber as limitações do docente. Ademais, ao completar 24 anos, passou a morar em Paris, em virtude de seu encanto pela cultura francesa que, na época, atraía grande parte dos artistas. Mesmo envelhecendo, permaneceu distante da boemia, pintando conforme os conhecimentos que havia aprendido em Nova York e se aproximando do impressionismo, especialmente, no que tange aos efeitos da luz nas obras de arte.

Inicialmente, suas obras não chamavam o interesse de críticos e colecionadores, não lhe permitindo viver apenas de sua pintura, entretanto, não desistiu e continuou pintando (PEREZ, 2008; SANTOS, 2009). A partir dos anos 20, criou um estilo próprio, em que retratou o cotidiano do homem urbano, a vida nos Estados Unidos em sua simplicidade, espaços comuns isolados, como lojas, ruas, casas e postos de gasolina. Conforme descrito por Oliveira (2010):

Hopper não fazia parte nem de uma escola, movimento ou grupo artístico. Pelo seu constante isolamento, e o desinteresse em participar de grupos artísticos, pode-se dizer que Hopper era a sua própria escola – a escola de um homem só. (p. 23)

Ao longo dos anos seguintes, o artista pintou diversos quadros e, a partir de 1932, passou a receber reconhecimento, expondo em museus importantes dos Estados Unidos e recebendo diversos prêmios e honrarias, além do apoio e respeito de pintores de outros movimentos artísticos, como afirma Perez (2008). Em 1965, pintou sua última obra - “Dois comediantes” -, dois anos antes de falecer em seu estúdio em Nova York, aos 84 anos.

1.3 A solidão na obra de Edward Hopper

Hopper, segundo Santos (2009), era uma pessoa que não costumava falar muito e reproduzia esse silêncio em seus quadros. Segundo a autora, suas pinturas eram uma forma de comunicação com o espectador, sem a necessidade de palavras para manifestar um sentimento que, por sua vez, havia sido expresso na tela. Ademais, cita uma frase do próprio pintor: “Se o pode dizer por palavras, não há razão para o pintar” (HOPPER, [s.d.], n. p. apud SANTOS, 2009, p. 47), o que evidencia suas obras como formas de entrar em contato com as outras pessoas.

Ao escolher retratar, em suas pinturas, eventos da vida cotidiana, expondo fragilidades através das pessoas sozinhas, do silêncio reflexivo, da melancolia e da tristeza, Hopper atinge o espectador de uma forma que promove a emersão do sentimento de estar solitário, presente em todos os indivíduos, ressaltando a angústia e o medo interiores, sendo assim, parece ser o pintor americano que retratou o conceito de solidão mais precisamente (WARD, 2010 apud FLORES, 2017).

A respeito das declarações de silêncio presentes nas obras de Hopper, Flores (2017) afirma que o jogo de luzes, o vazio e a quietude das personagens introspectivas promovem um efeito psicológico silencioso e solitário que demanda, ao espectador, parar por um momento e observar a tela para compreender que aquelas figuras paradas e sem fazer nada, enquanto o tempo passa, estão sentindo a angústia e a tristeza da solidão. Mesmo na ausência de figuras humanas em algumas telas, tal sentimento marca presença com

paisagens desertas ou abandonadas, em sua maioria, postos de gasolina, edifícios, quartos de hotel, restaurantes e lanchonetes, que produzem um sentimento inquietante ao observador, deixando implícita a desolação humana, mediante o uso desses ambientes da vida norte-americana moderna.

Do mesmo modo, Santos (2009) reflete sobre a importância da cidade contemporânea americana no trabalho de Hopper e seu valor para a passagem do sentimento, tendo o papel de uma personagem principal, diferente de outros pintores da época que a reduziam a um espaço de fundo para a atividade de indivíduos. Nessa perspectiva, a autora elabora:

Os seus quadros transmitem uma “regularidade monótona”, que existe em praticamente todas as ruas das cidades, ao mesmo tempo que parecem capturar a melancolia muito peculiar de uma arquitetura que deixara de ser moderna, ou antes, de estar na moda. A arte de Hopper era baseada numa profunda ligação emocional à sua terra, aquilo que o rodeava, como se de uma espécie de telurismo se tratasse. (p. 47)

É importante ressaltar a fuga do óbvio quando se discorre sobre as cidades na obra de Hopper, que se distanciava de aspectos exacerbados das metrópoles, dando valor aos espaços menores e mais específicos do cotidiano norte-americano, de modo que demonstra não ser um ambiente isolado no tempo, mas uma percepção de algo mais vasto e com uma continuidade indeterminada, logo, para além dos limites daquela tela (SANTOS, 2009).

1.4 A projeção na arte

De acordo com Jung ([1959] 2013), entende-se projeção como um processo no qual, involuntária e inconscientemente, ocorre a transmissão de conteúdos internos de um sujeito para um objeto em seu meio externo, fazendo com que tais aspectos da vida interior do indivíduo pareçam pertencer a outro objeto e não, a ele mesmo. O autor também elabora que, no momento em que tais conteúdos tornam-se conscientes, ou seja, quando o indivíduo entra em contato com estes e reconhece que, na verdade, lhe pertencem, a projeção se encerraria, visto que os conteúdos interiores, então inconscientes, foram elevados ao campo da consciência.

Na perspectiva da arteterapia, Reis (2014) discorre sobre a principal função da atividade artística ser a mediação da produção simbólica, sendo que, para Jung ([1964] 2008), o símbolo detém significados para além daquele que é explícito inicialmente:

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. (JUNG, [1964] 2008, p. 18)

Desse modo, compreendendo que uma imagem ou palavra pode ser simbólica quando apresenta a característica de carregar consigo um sentido mobilizador e encoberto, para além do significado aparente, essas conotações especiais se refeririam a aspectos inconscientes de tal imagem ou palavra nunca totalmente definidos, pois o símbolo leva a mente a ideias que ultrapassam o alcance meramente racional (JUNG, [1964] 2008).

Conforme Jung ([1959] 2013), o campo inconsciente contém os âmbitos pessoal e coletivo. O inconsciente pessoal é formado mediante vivências e experiências de cada indivíduo em sua história, logo, abarca conteúdos que não se encontram na consciência por serem esquecidos, subliminares ou reprimidos. Os últimos, por sua vez, compõem o âmbito psíquico da sombra, de modo a sofrerem repressão derivada de dissonância cognitiva ou afetiva em relação à autoimagem egóica, portanto, “A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo” (JUNG, [1951] 2015, § 14).

Ressalta-se que, em posição oposta complementar à sombra, tem-se a instância psíquica da persona, representativa das máscaras sociais adotadas e conceituada como

[...] um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da persona diz respeito exclusivamente à relação com os objetos. (JUNG, [1921] 2015, § 755).

O inconsciente coletivo, por sua vez, não existe graças a reminiscências de experiências individuais, dado que seus elementos provêm da hereditariedade, ou seja, tratam-se de potencialidades inatas de desenvolvimento

psíquico, transmitidas por gerações, portanto, este âmbito é constituído essencialmente pelos arquétipos.

Considerando o exposto, Reis (2014) aborda o trabalho de Nise da Silveira, que concebia as produções artísticas de seus pacientes como permeadas por símbolos que carregavam elementos dos âmbitos pessoal e coletivo do inconsciente, assim, permitiam a visualização imagética, por parte do terapeuta, dos processos psíquicos de seus pacientes psicóticos e, ao mesmo tempo, promoviam que estes pacientes não só projetassem seus conteúdos inconscientes, mas fizessem uso dessa projeção como forma de manter o equilíbrio psíquico, externalizando vivências internas desordenadas e dando forma às suas emoções. Desse modo, a projeção, para os pacientes de Nise da Silveira, ultrapassaria a transmissão dos conteúdos inconscientes, tendo o papel de despotencializar figuras internas ameaçadoras.

Segundo Ramos, Varandas e Reis (1977), a utilização de técnicas projetivas permite a expressão das diferentes percepções perante o mesmo estímulo de forma ilimitada, visto que cada indivíduo, quando em contato com determinado objeto (seja um termo, uma obra de arte ou outro fator), revelará uma percepção única e individual, influenciada por aspectos que compõem sua personalidade. Em conformidade com o exposto, Formiga e Mello (2000) afirmam que a utilização de técnicas projetivas por psicólogos seria um método auxiliar de captação do mundo simbólico de um indivíduo, na medida em que tende a ser de difícil expressão através da linguagem verbal, portanto, a projeção estimulada pela técnica associativa facilitaria a compreensão da vida psíquica do indivíduo.

Ainda sob a perspectiva da utilização de testes projetivos, Manfredini e Argimon (2010) afirmam que a projeção seria uma forma do indivíduo deslocar aspectos da própria personalidade para outro ser ou objetos, sendo um mecanismo de defesa para que possa lidar com os sentimentos e as intenções presentes em seu meio interno. Portanto, os testes projetivos seriam veículos de deslocamento dos conteúdos internos ao meio externo, possibilitando que o sujeito entre em contato com esses aspectos de sua personalidade, mesmo que não compreenda seus significados em totalidade.

As técnicas projetivas, portanto, estimulam a projeção de conteúdos inconscientes de um indivíduo, na medida em que há liberdade no que tange às suas respostas, abrindo espaço para que, por meio da fantasia e criatividade,

as angústias e sentimentos sejam externalizados, bem como permitindo que o funcionamento psíquico daquela pessoa seja compreendido em maior profundidade, mediante a análise dos recursos internos e defensivos que aparecem quando entra em contato com os estímulos das referidas técnicas. Estas permitem, então, a captação de manifestações inconscientes não passíveis de identificação a princípio, viabilizando a interpretação dos dados obtidos (ANASTASI, URBINA, 2000 apud MANFREDINI, ARGIMON, 2010).

2 Objetivo

2.1 Objetivo Geral

Compreender como o sentimento de solidão acomete jovens mediante mudança de cidade para cursarem faculdade, à luz da Psicologia Analítica.

2.2 Objetivos específicos

- Aprofundar a compreensão acerca da vivência da solidão por adultos jovens;
- Analisar possíveis movimentos projetivos em obras de Edward Hopper alusivas à solidão;
- Analisar conteúdos conscientes e inconscientes relacionados ao estado de solidão expressos pelas participantes.

3 Método

A pesquisa baseia-se na metodologia qualitativa, na medida em que visa interpretar, compreender e analisar de maneira individual e comparativa os resultados obtidos, além de buscar seus significados e finalidades em vista do contexto no qual tais fenômenos serão investigados (PENNA, 2005).

A metodologia qualitativa, segundo Batista (2004), trata-se de um processo de investigação dinâmico e personalizado, partindo do pressuposto de que o objeto investigado sofre interferências decorrentes do processo de investigação em si, à medida que está associado à subjetividade do pesquisador, inclusive seu funcionamento psicológico e sua história de vida. Conseqüentemente, a pesquisa qualitativa não possibilita nem busca a neutralidade absoluta, mas se fundamenta na construção de informações que, por sua vez, permite um papel amplo ao pesquisador, assumindo posições de cientista, observador e analista, conforme seja necessário. Sendo assim, caracteriza-se como uma pesquisa-ação, visto que a produção, a investigação e a interpretação dos dados são realizadas simultaneamente e exercem impacto entre si.

O presente estudo baseia-se, ainda, na Psicologia Analítica como referencial teórico, enfatizando alguns de seus conceitos, tais como processo de individuação, projeção, introversão/extroversão e símbolos, a fim de compreender a dimensão da experiência da solidão na contemporaneidade. Sob essa perspectiva, a revisão bibliográfica incluiu produções acadêmicas centradas nesta teoria, destacando textos de Jung, junguianos e outros pensadores acerca dos conceitos já mencionados, bem como da compreensão do fenômeno da solidão. Foram utilizadas, a fim de nortear a busca por referências bibliográficas, as seguintes palavras-chave: solidão, isolamento, solitude, arte, Edward Hopper, psicologia analítica, individuação, tipos psicológicos, projeção.

3.1 Participantes

As participantes da pesquisa foram três jovens adultas, do gênero feminino, com idades entre 18 e 19 anos, residentes na cidade de São Paulo e que passaram por um processo de mudança para este município, provindas de municípios do litoral ou do interior do estado de São Paulo, a fim de iniciar os estudos em uma faculdade.

3.1.1 Critérios de Inclusão

Os participantes da pesquisa poderiam ser de ambos os sexos, com idades entre 18 e 25 anos, residentes na cidade de São Paulo e que tivessem passado por um processo de mudança para este município, a fim de iniciar os estudos em uma faculdade.

Optou-se por conduzir a pesquisa com este grupo de jovens, uma vez que o processo de mudança e o decorrente afastamento da família, círculo social e cotidiano com os quais estavam acostumados podem ser aspectos potencializadores do sentimento de solidão, tema estudado nessa pesquisa.

3.1.2 Critérios de Exclusão

Os participantes não poderiam ter realizado a mudança de cidade em conjunto com familiar ou amigo, bem como não poderiam ter realizado outras mudanças anteriormente.

3.2 Instrumentos

Pranchas com dez pinturas produzidas por Edward Hopper, impressas em boa resolução.

Roteiro de entrevista semi-dirigida, constante no apêndice A, com perguntas relacionadas à solidão e ao processo de mudança de município para cursar a faculdade.

3.3 Procedimentos

3.3.1 Seleção dos participantes

O pesquisador solicitou indicações para pessoas de seu círculo social de participantes que atendessem aos critérios de inclusão e exclusão. Após entrar em contato com os participantes, realizou uma triagem para verificação de quais destes, de fato, alinhavam-se aos critérios de inclusão e exclusão.

3.3.2 Local de coleta de dados

A coleta de dados, tanto obtida através da entrevista semi-dirigida quanto das respostas referentes às pinturas de Edward Hopper, foram realizadas em um ambiente escolhido por cada participante, atendendo à exigência de garantia do sigilo.

3.3.3 Desenvolvimento

O pesquisador conduziu uma entrevista semi-dirigida que foi gravada e, posteriormente, transcrita para que não houvesse perda de informações potencialmente importantes para a pesquisa. Ainda, as falas dos entrevistados foram transcritas sem qualquer alteração, a fim de preservarem as narrativas de cada sujeito.

Em seguida, os participantes foram instruídos a relatarem os sentimentos e pensamentos que lhes acometeram ao entrarem em contato com cada uma das dez imagens selecionadas, sendo essas pinturas elaboradas por Edward Hopper (Anexo 1). Tais obras foram escolhidas por conterem representações humanas, inseridas em diversos espaços do meio urbano, realizando atividades comuns ao cotidiano de habitantes de grandes cidades. A escolha e a ordem pré-determinadas das imagens mostradas foram delineadas de maneira que contemplassem a diversidade das produções do pintor, optando-se por obras de toda a sua carreira que representassem pessoas de ambos os gêneros, em alguns casos, isoladas e, em outros, rodeadas por acompanhantes ou terceiros.

A disposição das imagens considerou o possível diálogo entre as pinturas,

intercalando o gênero da figura humana retratada e estar cercada ou não por outrem, intencionando-se evitar a contaminação de conteúdos das respostas que potencialmente poderia obstruir a análise dos dados coletados, por exemplo, a repetição da mesma história e sentimento diante de duas pranchas com figuras femininas isoladas ou a não consideração do sentimento de solidão em imagens nas quais há mais de uma figura humana.

Ademais, os participantes foram instruídos a criarem histórias curtas, baseando-se em todas as figuras apresentadas. O pesquisador realizou inquérito concomitante a esta atividade, visando compreender ou esclarecer possíveis passagens das histórias.

Por fim, para que a realização de tais procedimentos fosse executada, foi solicitado que todos os participantes assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado, que consta no Apêndice B.

3.4 Análise dos dados

A análise dos dados coletados foi realizada com base na metodologia qualitativa, pois, em conformação com Godoy (1995), não se baseou em um estudo estatístico nem visou enumerar os fenômenos pesquisados, mas teve como objetivo principal compreender o fenômeno a partir da perspectiva dos participantes do estudo.

Após a transcrição e a leitura dos dados colhidos nas etapas descritas no tópico desenvolvimento deste capítulo, foi elaborada análise dos conteúdos que surgiram ao longo da entrevista semi-dirigida e daqueles que emergiram durante o procedimento com cada participante da pesquisa. Em seguida, foi realizada análise comparativa entre os resultados atinentes a cada participante, identificando temáticas comuns e aspectos prevalentes.

O estudo destes conteúdos, conjugando as respostas dadas pelas participantes perante as pinturas selecionadas e as emitidas nas entrevistas semi-dirigidas, teve como objetivo compreender o sentimento de solidão, para assim, abranger não somente os aspectos comuns entre as respostas das participantes, mas ter em vista, também, suas singularidades.

3.5 Cuidados éticos

Os devidos cuidados éticos foram seguidos, de acordo com as determinações da resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, complementada pela resolução 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS).

Utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo modelo encontra-se no apêndice B, o qual foi disponibilizado antes da aplicação do questionário e da apresentação das imagens. A assinatura das participantes referente ao TCLE foi colhida antes da condução das etapas do procedimento.

O projeto de pesquisa foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), mediante inserção na Plataforma Brasil. Somente após o parecer favorável, sob nº 75945523.7.0000.5482, o pesquisador iniciou a coleta de dados.

Caso surgissem conteúdos de difícil contato para alguma participante, o pesquisador realizaria escuta diferenciada da situação de pesquisa, de modo a promover acolhimento e, se necessário, encaminhá-la a um serviço que pudesse ajudá-la a lidar com tais conteúdos. Entretanto, esta conjuntura não ocorreu no decorrer da pesquisa.

4 Análise e discussão de resultados

4.1 Participante 1

4.1.1 Caracterização da participante

A participante é uma jovem de 19 anos, estudante de Jornalismo na PUC-SP e de Letras na USP. Residia em uma cidade localizada no interior do estado de São Paulo e mudou-se para sua capital no meio de fevereiro de 2024, a fim de iniciar os estudos em ambas as universidades.

A respeito das dificuldades enfrentadas no decorrer do processo de mudança, a participante afirma que, no início, o principal obstáculo foi o de encontrar um lugar para morar que fosse viável para ir às duas faculdades, portanto, teve que procurar, durante algum tempo, por um apartamento que coubesse em seu orçamento e não dificultasse seu transporte.

Neste processo, recebeu auxílio intenso de seu pai, que esteve presente ao encontrar um local adequado, contatar o vendedor do apartamento e transportar a mudança para o novo município. Sua família sempre a incentivou a se mudar e estudar na cidade de São Paulo, cuja concretização, portanto, foi motivo de felicidade para os familiares. A participante também expressou não ter sido um cenário difícil para seus pais, pois seu irmão mais velho havia realizado o mesmo processo anteriormente, logo, já haviam passado por uma situação semelhante, mas mantêm o hábito de visitá-la constantemente.

Relata também que estar sozinha é um fator presente em alguns aspectos de sua vida na cidade nova, pois, em seu apartamento, não consegue manter contato direto com vizinhos e funcionários do prédio, visto que não os encontra facilmente e aqueles com quem se depara não têm o hábito de conversar.

Estabelece algumas comparações entre o interior e a capital, dizendo que a mudança de realidade referente às distâncias e à locomoção foi um aspecto significativo em sua experiência, destacando que sua antiga cidade e a respectiva concentração de pessoas são muito menores, logo, sentia-se mais segura em andar sozinha na rua. A diferença entre as moradias também é um aspecto relevante, dado que, anteriormente, residia em uma casa grande, com quintal e animais de estimação, enquanto, em São Paulo, mora em um

apartamento “minúsculo” (sic), no qual não pode ter animais e não possui tanto espaço.

O sentimento de solidão foi percebido pela participante em alguns momentos. A princípio, visto se declarar como uma pessoa que gosta de conversar e entender que está acostumada a um ambiente com muitas pessoas, a participante expressou sentir muita falta de ter pessoas ao seu redor, o que considera um aspecto ruim de morar sozinha em outra cidade. Ainda que converse por vídeo chamada ou ligação telefônica, a ausência física de outrem é um fator que promove a solidão. A participante, ainda, relembra a primeira vez em que ficou sozinha em São Paulo, afirmando ter sido um momento que conjugou o tédio por não ter nada para fazer, a tristeza de estar sozinha e o fato de ninguém responder às suas mensagens momentaneamente, lembrando desta situação como sendo “horrível” (sic). Sob essa perspectiva, o sentimento de solidão faz-se presente em sua experiência.

No tocante à faculdade, disse ter dificuldades de formar laços na USP, uma vez que seus colegas são mais velhos, logo, estão em outra fase da vida, não conseguindo identificar fatores comuns. Em contrapartida, concernente à formação de uma rede de apoio na nova cidade, a participante contou que, na PUC-SP, conseguiu formar laços significativos com colegas de sala e, apesar de grande parte ser nascida na cidade de São Paulo, entrou em contato com pessoas que também realizaram um processo de mudança, de modo a se identificarem e trocarem experiências acerca do que estavam passando.

Ademais, tem expectativas de ter uma promissora carreira na área de Jornalismo, por meio da conquista de um cargo importante e ter seu nome representado no campo profissional, para isso, tem a intenção de se inserir no mercado de trabalho o mais rápido possível.

4.1.2 Análise dos conteúdos emergentes durante o procedimento

Os temas que aparecem ao longo das histórias criadas pela participante mediante a apresentação das obras de Edward Hopper, apesar de, à primeira vista, parecerem desconexos e variados, apresentam um sentido principal: a presença de aspectos negativos em grande parte das situações e, em diversos casos, a necessidade de encobri-los.

Conforme as histórias foram se desenvolvendo, tornou-se possível interpretar que a participante valoriza, sobremaneira, aspectos atinentes sua persona (JUNG, [1921] 2015), na qual parece pautar excessivamente sua atuação e pensamento. Esse aspecto foi ilustrado em diversas ocasiões, ao inserir elementos econômicos e vistosos – principalmente, roupas luxuosas – como parte importante do desenvolvimento imaginado para as personagens representadas nas telas. Nesse sentido, algumas frases representativas da importância que a aparência de grandiosidade exerce em sua vida são: “[...] esse estilo francês, com auges do que todo mundo quer ter” (1ª pintura); “[...] e elas tão, tipo, de roupa chique, assim, e parecem conversar [...]” (4ª pintura); “[...] ela está muito bem-vestida, por isso, que me vem em mente, então loja de roupa, mas algo que vá trazer bastante dinheiro [...]” (9ª pintura).

Ao analisar a ocorrência dos aspectos relacionados à persona, percebe-se que estes sempre são acompanhados, nas histórias imaginadas pela participante, por situações em que há uma pendência ou algo a ser resolvido, seja a preocupação com algo que está sendo contado por uma amiga, a especulação a respeito de um assassinato ou a expectativa de que elementos, como dinheiro e estilo, possam trazer uma felicidade, até então, desconhecida para a personagem. Desse modo, compreende-se que os elementos representativos da persona, como as roupas de luxo, assumem a função de mascarar os aspectos sombrios da vida, conferidos a elementos desconhecidos e secretos ou a atos condenáveis nas narrativas criadas.

Sob essa ótica, a projeção de conteúdos de sombra (JUNG, [1959] 2013) é o aspecto mais recorrente ao longo do procedimento, não só mascarados pelos elementos alusivos à persona (JUNG, [1921] 2015), mas na totalidade das histórias criadas pela participante. Narrativas envolvendo o descobrimento de uma traição, o distanciamento de uma pessoa querida, máfia familiar e infelicidade no tocante à carreira profissional parecem representar características aversivas ao ego da participante, dado distanciarem-se daquilo que expressa desejar vir a ser, portanto, possivelmente, são alvos de repressão. Esse aspecto é ressaltado na história contada diante da 5ª pintura, ao narrar que uma personagem presta atenção às pessoas ao seu redor, principalmente, a uma mulher lendo um livro de Agatha Christie, cujas temáticas são misteriosas, indicando a possibilidade de haver algo oculto, portanto, não acessível

diretamente pela consciência. Nessa perspectiva, o aparente receio de se aproximar dos elementos sombrios projetados acaba, em algumas ocasiões, sendo compensado pela presença de uma persona grandiosa que não apresenta os problemas que a consciência egóica teme vir a ter.

Em determinado momento, a participante passa a falar em primeira pessoa ao contar a história que imagina, colocando-se no lugar do personagem representado na tela, o que pode indicar a identificação com a temática criada por ela, alusiva ao insucesso e à infelicidade profissional: “[...] ele parece estar cansado, lendo o jornal para ver o que está acontecendo de diferente do trabalho que *eu* estou, algo para mudar a mente, entendeu?” (8ª pintura). Nessa história, por sua vez, além do elemento sombrio de uma profissão não prospera, aparece simultaneamente, na narrativa inventada pela participante, o aspecto, também sombrio, de desunião familiar, visto que descreve uma cena em que, mesmo fisicamente juntas, duas pessoas estão mentalmente distantes, não conseguindo manter uma relação profunda, o que se distanciaria da dinâmica familiar da participante, segundo seu relato na entrevista semi-dirigida, visto enfatizar fazer parte de uma família unida, solícita, apoiadora, compreensiva e amorosa.

Nesse sentido, os elementos de sombra referentes ao âmbito familiar parecem ter sido projetados, algumas vezes, ao longo do procedimento, seja nos relatos de descoberta de uma traição - “[...] descobriu que ela realmente está sendo traída” (2ª pintura); de desentendimento fraterno - “[...] uma máfia de irmãos (...) e, conforme for, alguém vai morrer, entendeu?” (7ª pintura); ou de distanciamento de um casal - “[...] os dois têm uma mesa para conversar juntos, mas não usufruem dela, ele fica na bolha dele com o jornal e ela fica na bolha dela com a música e com o piano, entendeu?” (8ª pintura). O receio sentido diante de telas às quais confere a representação de uma família disfuncional vem sempre acompanhado por sentimentos negativos, tais quais solidão, tensão e distanciamento.

Ademais, observa-se dinâmica psíquica fortemente regida pelo âmbito materno (JUNG, [1959] 2013), uma vez que a participante expressou elementos denotativos da dificuldade de desprender-se da família, principalmente, da mãe nas narrativas criadas. Como ilustração, este aspecto parece ter sido projetado quando a participante diz que a personagem da tela retorna ao lugar em que passou a infância para conseguir se encontrar, conforme sua fala: “Para casa da

mãe dela, a casa em que ela viveu a infância, ela tá indo se encontrar de novo” (6ª pintura). Momentos após este, quando se depara com outra imagem, dá continuidade à história dessa personagem, dizendo que, na casa de sua mãe, passou a se amar mais e entender o que quer para sua vida, conforme segue: “[...] ela volta para a cidade grande de novo para reformular a vida dela, a partir do que ela aprendeu, retornando para casa. E, tipo, o que ela aprendeu? É, tipo, ela se ama mais” (9ª pintura). A aparente dependência da figura materna para que consiga seguir a própria vida pode ser relacionada com a visão que a participante tem de si mesma, visto que, na entrevista realizada, afirma ficar muito sozinha nas aulas do período noturno, pois considera todas as pessoas adultas, portanto, entende-se que não se considera inserida nessa fase de vida, apesar de possuir 19 anos.

Dessa forma, a necessidade de conexão com os aspectos seguros de sua vida transparece naquilo que almeja, mas também no que teme e não contata em profundidade. Em uma das histórias contadas, acerca de uma figura representada na tela, a participante diz: “Ela parece alguém que, tipo, alguém que acreditou na cidade grande, mas percebeu que não trouxe os benefícios que ela achou que ia trazer, ela tá sozinha, num lugar pequeno... Na minha cabeça, foi que ela perdeu o emprego” (10ª pintura). Essa expressão reitera a ênfase na persona e a atribuição de sentimentos de desespero e decepção diante da mudança para uma cidade grande não corresponder aos anseios, além da perda de emprego ser um fator que removeria todos os aspectos positivos deste processo. A história criada pela participante correlaciona-se com as expectativas atribuídas à faculdade e à nova cidade reveladas na entrevista semi-dirigida, visto que espera ter uma promissora carreira e obter um alto cargo, ao passo que seu maior medo trata-se de não alcançar tais objetivos. Logo, este aspecto parece ter sido projetado na imagem da mulher representada na tela, o que se acentua diante da participante ter enfatizado que aquela morava em um lugar pequeno, assim como considera ser o apartamento para o qual se mudou na cidade de São Paulo.

Assim como na 10ª pintura, a temática da reflexão aparece ao longo das histórias imaginadas pela participante, sempre acompanhada de se estar sozinho(a) em um ambiente. Na 2ª pintura, por exemplo, a personagem na tela “[...] foi, tipo, para o café da noite para pensar consigo mesma: o que que vai

fazer agora?”, enquanto na 3ª, “[...] ele está refletindo sobre alguma coisa na vida dele... Sobre a cidade, na verdade, eu pensei porque ele está vendo a cidade, pensando sobre como é o movimento e tudo mais”. Desse modo, é possível interpretar que, para a participante, a reflexão é um componente da solidão, em que se abre a possibilidade de contato com aspectos ignorados de si, logo, aludem a conteúdos reprimidos pelo ego (JUNG, [1951] 2015). Sendo assim, a evidente dificuldade de se permitir sentir a solidão e estar sozinha parecem desdobrar do receio de entrar em contato com tais elementos desagradáveis ou penosos.

4.2 Participante 2

4.2.1 Caracterização da participante

A participante é uma jovem de 18 anos que, antes de se mudar para a capital em 2024 para iniciar o curso de jornalismo na PUC-SP, morava em uma cidade situada no interior do estado de São Paulo. Afirma que, ao longo de sua adolescência, sempre teve o interesse de se mudar para fazer faculdade, assim como seu pai fez.

Seus pais mudaram-se para o interior de São Paulo depois de anos morando na capital, quando os filhos nasceram, portanto, a participante relata que sempre foram abertos às mudanças dos filhos, incentivando que saíssem e vivessem uma experiência semelhante à deles. Quando estava terminando o ensino médio, sua mãe encorajou-a a prestar o vestibular da PUC-SP e, antes das aulas começarem, passou uma semana no apartamento novo para ajudá-la a se familiarizar com o bairro e com a cidade. Ainda, seus pais visitam-na constantemente e a participante viaja para sua antiga casa ocasionalmente, mas quando necessário, conta que pode recorrer a alguns familiares que moram na região do ABC e a seu padrinho que reside próximo a ela, então não esteve completamente sozinha na cidade.

Referente às diferenças percebidas entre a vida nos dois municípios, a participante revela que o processo de adaptação está sendo tranquilo, mas encontra dificuldades no que tange ao transporte, visto que costumava dirigir o carro de sua mãe e, em vinte minutos, conseguia atravessar sua antiga cidade,

logo, estava habituada a distâncias curtas em sua rotina e se espantou com os trajetos longos. Apesar de não considerar um problema ficar sozinha em casa, expressa que, em determinados momentos, surge o sentimento de solidão, sobretudo, quando prepara e faz refeições em casa, pois quando morava com seus familiares, tinham o costume de realizar todas as refeições juntos, conversando sobre o dia e aspectos de interesse coletivo. Desse modo, sente a necessidade de ligar o *Youtube* na televisão durante as refeições para preencher o silêncio da ausência de conversas.

No que tange à rede de apoio em momentos em que se sente sozinha, relata contar com a família e os amigos da cidade antiga para quem tem o costume de telefonar, contando especialmente com sua avó. Ainda, sua melhor amiga da antiga cidade também mudou-se para a capital e passou a morar com um conhecido do mesmo município natal, logo, a participante convive frequentemente com estas pessoas e considera essa amiga como um grande auxílio, principalmente, por estarem passando pelo mesmo processo. Na faculdade, estabeleceu amizades com duas estudantes, as quais considera próximas e, ocasionalmente, passam o dia em sua casa, visto ser de frente à universidade.

A participante relata sentir estranheza diante da facilidade de lidar com a mudança, pois tem esse sonho há anos e, quando visitava a cidade de São Paulo com sua família, pensava em sua futura vida mudando totalmente, inclusive, devido a vir a morar sozinha. Contudo, sente que mediante a realização desse sonho, o processo está sendo muito tranquilo e as coisas foram “se encaixando” (sic).

Concernente às expectativas relacionadas à nova cidade e aos estudos, diz ter a intenção de continuar morando em São Paulo após a conclusão do curso, pois não se vê sendo jornalista no interior, dado que residia em uma cidade pequena e com poucas oportunidades em comparação à capital, mas sente que não permanecerá nesta pelo resto da vida porque, por volta dos 40 anos, irá se cansar da cidade e terá o desejo de se mudar novamente.

Por fim, contou que seu irmão mais novo também tem a intenção de morar na cidade de São Paulo quando iniciar a faculdade, portanto, pensa que se mudará para um apartamento maior junto com ele futuramente, mas, por enquanto, sente que “a vida está boa” (sic).

4.2.2 Análise dos conteúdos emergentes durante o procedimento

Ao longo do procedimento, tornou-se possível identificar que a associação entre solidão e infelicidade foi traçada recorrentemente pela participante nas narrativas que imaginou mediante a apresentação das telas de Edward Hopper. A atribuição do sentimento de melancolia à segunda pintura, juntamente com a elaboração de uma história, na qual a protagonista “[...] não tem uma cara muito feliz não, ela está meio triste, parece que ela tava esperando alguém e aí, tá sozinha”, evidenciam que a tristeza da personagem tem raízes em sua solidão. A princípio, a participante justifica o estado da personagem em razão do cancelamento de um encontro, contudo, em seguida, atribui-o ao desejo voluntário de permanecer sozinha devido a um sentimento de tristeza prévio, conforme sua fala: “Ou ela só estava se sentindo triste e não queria falar com ninguém [...]”. Esta alternativa apresentada em um segundo momento permite a interpretação de que há certa dificuldade de contatar conteúdos referentes aos sentimentos de melancolia e solidão, camuflando-os com um ato intencional e desejado de isolamento momentâneo.

A correlação entre solidão e tristeza é percebida nas narrativas criadas pela participante diante de outras pinturas: “E esse cara aqui tá sozinho, saiu do trabalho e ele não tinha nada para fazer e não tinha ninguém esperando ele em casa, então ele foi comer alguma coisinha no restaurante, meio triste” (4ª pintura); “Ah, essa moça tá sozinha, no quarto dela, eu suponho que ela mora sozinha (...), eu acho que ela tá lendo alguma coisa e não parece muito feliz não” (6ª pintura); “[...] ela precisou parar o que ela tava fazendo, ela precisou sair da cadeira dela e ir para o cantinho, dar uma choradinha e uma pensada [...]” (7ª pintura); “[...] ela parece que tá pensando em coisas tristes, ela tá muito reflexiva de um jeito ruim, sabe? Ela está contemplando as escolhas de vida dela. E ela está sozinha no quarto dela, olhando a janela” (10ª pintura).

A presença de personagens não conseguindo estar desacompanhados sem a atribuição de sentimentos negativos à situação reforça a interpretação de que há a dificuldade, por parte da participante, de se permitir experienciar a solidão, possivelmente, devido ao receio de entrar em contato com conteúdos desagradáveis ou com os quais não se sente preparada para lidar, remetendo a possíveis elementos reprimidos constituintes do âmbito psíquico da sombra

(JUNG, [1951] 2015). Esses elementos projetados nas obras divergem do expresso pela participante durante a entrevista, visto ter salientado a facilidade de lidar com o fato de estar sozinha em uma nova cidade, o que sugere a interpretação de que apesar de acreditar ter recursos suficientes e não enfrentar medos ou angústias diante da nova realidade, estabelece um bloqueio para a solidão e os possíveis sentimentos que podem decorrer dela, de modo a reprimi-los. Deste modo, refugia-se na residência de amigos ou trazendo terceiros para sua casa, em uma tentativa de não sentir a melancolia e a tristeza que parece atribuir, inconscientemente, ao fato de estar sozinha.

Em contrapartida à associação que faz entre solidão e tristeza, estar em companhia de outras pessoas remete à naturalidade e a sentimentos positivos nas histórias imaginadas pela participante, como nas seguintes narrativas: “É uma conversa, elas tão num cafezinho, tendo uma conversa de meninas [...]” (1ª pintura); “Aí, esses dois, eu acho que eles são um casal porque as mãos estão meio juntas e eles tão lá comendo alguma coisinha e, depois, eles vão para a casa dele ou para a casa dela” (4ª pintura); “É, acho que é só um momento mesmo, estamos juntos, cada um fazendo suas coisas e esse é o apartamentinho deles” (8ª pintura); “Acho que ela está indo visitar alguém (...), lendo o livrinho dela e com a janelinha aberta para apreciar a paisagem” (9ª pintura). Sob essa perspectiva, observa-se a atribuição do status de normalidade a ter pessoas por perto e companhias para atividades do cotidiano, sejam membros da família, amigos ou parceiros amorosos.

A diferenciação entre estar sozinho e triste e estar acompanhado e feliz torna-se ainda mais evidente na comparação entre a 1ª pintura, que retrata duas amigas conversando – à qual a participante atribuiu o sentimento de felicidade – e a 2ª pintura, que representa uma mulher sozinha – à qual a participante conferiu o sentimento de melancolia e tristeza –, bem como na totalidade da 4ª pintura, em que, de acordo com a participante, o homem sozinho está triste e o casal está realizando uma atividade natural do cotidiano.

Além de tais associações traçadas pela participante, o procedimento foi marcado por uma recorrente aparição de conteúdos referentes à rotina egóica, ou seja, aspectos corriqueiros que o ego deve desempenhar em seu dia a dia, como a conversa em um café (1ª pintura), pensamentos sobre a vida (3ª pintura), viagem de trem (5ª pintura), ler o jornal em casa (8ª pintura) e visitar a família (9ª

pintura). Nesse sentido, contata-se que a participante oscila entre a projeção de conteúdos profundos que remetem à própria solidão e o retorno para um lugar seguro, pautado pela consciência egóica, como um mecanismo de defesa diante dos conteúdos delicados com os quais entrou em contato nas narrativas que criou.

Na história imaginada pela participante diante da sexta pintura, evidencia-se o movimento projetivo (JUNG, [1959] 2013) nas telas, pois afirma que a personagem “[...] tá sozinha, no quarto dela, eu suponho que ela mora sozinha porque isso aí é um cubículo, *parece meu apartamento*. Isso aqui que ela tá segurando é um papel (...) acho que é uma carta de uma pessoa que ela sente saudades ou, então, a carta de alguém que acabou de ir embora e ela está relendo (...) a pessoa está falando: ai, eu amo muito você e, daqui a pouco, vamos nos ver. Então ela fica relendo isso para se sentir um pouco melhor”. A princípio, a participante estabelece comparação com o próprio apartamento para o qual mudou-se recentemente, então confere aspectos de si à protagonista da imagem que, triste, passa a repetidamente ler a mensagem enviada por uma pessoa querida para aliviar seu sofrimento.

A temática familiar também é um aspecto que permeia não só o procedimento como a entrevista com a participante, remetendo à naturalidade que atribui ao estar acompanhada, mas especialmente à dependência e à necessidade de ser motivo de orgulho para seus pais. Conforme relatado na entrevista, seus genitores também saíram da cidade natal para cursarem faculdade e sempre a incentivaram a fazer o mesmo, portanto, a participante parece sentir a necessidade de seguir o caminho trilhado por seus pais para orgulhá-los e, nessa perspectiva, renega os sentimentos negativos que podem decorrer desse processo por temer decepcioná-los ou não cumprir com as expectativas criadas por eles, possivelmente, espelhadas por si mesma.

Na narrativa criada por ela para a 2ª pintura, ao dizer que a personagem da tela não parece feliz enquanto come sozinha, é possível estabelecer relação com o desgosto que a própria participante expressou diante de ter que realizar algumas refeições desacompanhada, distanciando-se daquilo que lhe era habitual em sua antiga cidade. Ainda, nesses momentos, contou que busca formas de amenizar o sentimento de solidão, como telefonar para conhecidos ou ligar a televisão, fortalecendo a interpretação de que, para ela, é difícil se permitir

ficar sozinha e reconhecer que o processo de mudança não está sendo tão tranquilo de lidar.

Nesse sentido, ao atribuir a tristeza da personagem da 7ª pintura a um conteúdo exibido no filme que estava passando no local representado na tela, a participante expressa: “Eu acho que se o filme deixou ela triste, tem alguma coisa a ver com família porque família deixa as pessoas tristes ou com saudades”. Desse modo, evidencia-se, novamente, o fato de que a ausência da família é causadora de infelicidade e saudades, permitindo que se identifique, nesta narrativa, a projeção de seus sentimentos relacionados à distância da própria família, os quais não parece se permitir contatar. Esta hipótese é corroborada por uma fala da participante durante a entrevista, ao afirmar que retorna à sua cidade natal e recebe visitas de seus pais frequentemente, revelando a necessidade de manter contato constante com eles para que consiga manter-se relativamente sozinha na nova cidade.

Ademais, referentes à 3ª e 10ª pinturas, a participante cria narrativas nas quais os protagonistas estão em um momento de reflexão enquanto olham por uma janela, entretanto, há significativa diferença de contexto sob o qual essas pessoas refletem. Enquanto a figura masculina, representada na 3ª imagem, reflete naturalmente acerca de seu trabalho e aspectos relacionados à fase da vida em que se encontra, a figura feminina, ilustrada na 10ª pintura, reflete negativamente sobre a vida em seu quarto. Nas palavras da participante: “[...] essa aqui parece bem mais triste porque aquele outro cara estava apenas pensando, ela parece que tá pensando em coisas tristes, ela tá muito reflexiva de um jeito ruim, sabe? Ela está contemplando as escolhas de vida dela. E ela está sozinha no quarto dela, olhando a janela”. Constata-se que a participante estabelece uma atmosfera diferente para as reflexões masculina e feminina, portanto, pode-se pensar na hipótese de que, diante da figura feminina, estabelece movimento projetivo, em alusão à própria experiência de estar sozinha em casa, pensando em suas escolhas e buscando compreender o que fará futuramente.

4.3 Participante 3

4.3.1 Caracterização da participante

A participante é uma jovem de 19 anos que, recentemente, mudou-se de uma cidade situada no litoral do estado de São Paulo para a capital, a fim de cursar Jornalismo na PUC-SP. No transcorrer do processo de mudança, enfrentou alguns desafios e destacou o momento que a antecedeu como o mais difícil, em razão do medo e da insegurança relacionados à adaptação à nova cidade e aos desdobramentos desta transição. A ocasião de maior impacto foi o dia da mudança, quando chegou em seu apartamento novo, pois pensou que seus próximos quatro anos seriam daquele modo, culminando em sensações de desespero e abandono.

A participante contou que havia estudado na mesma escola e curso preparatório por mais de uma década em sua cidade natal, então se tornou familiarizada e conhecia todos ao seu redor, logo, residir longe dos lugares com os quais estava habituada, bem como de pessoas próximas e familiares seria uma mudança significativa. Esse aspecto, em conjunto com o receio quanto ao curso escolhido, desencadeou momentos de nervosismo, entretanto, após a concretização da mudança, acalmou-se e percebeu que não seria um processo tão intenso quanto esperava, assim, pôde passar a apreciar o lado positivo desse acontecimento.

Sua família esteve muito presente em toda essa trajetória e, em conversas com sua mãe, decidiram que a mudança para uma nova cidade para cursar a faculdade seria a melhor escolha. A participante tem familiares residentes no município de São Paulo, de modo a ter a possibilidade de morar com seu pai ou sua irmã, contudo, não julga essas alternativas viáveis, em função da localização e espaço dos imóveis em que aqueles residem, portanto, optou por morar sozinha, ainda que mantenha contato e rotina de visitas constantes a estes familiares. Nesse sentido, relata que, devido a permanecer muito tempo na faculdade e poder ir para casa de seu pai ou de sua irmã, não passa muito tempo sozinha, logo, não sente “muito o peso” (sic) da mudança.

Ainda, conta que já visitava seu pai quando residia no litoral, de forma a conhecer e estar acostumada com a região em que ele e sua irmã moram, além

de poder telefonar para familiares ou amigos de sua antiga cidade nos momentos em que se sente demasiadamente só. Desse modo, após certo tempo morando sozinha, percebeu que não estava realmente “abandonada” (sic) como achava que estaria, mas, na verdade, contava com muito apoio e, quando sentisse necessidade, poderia visitar sua mãe na antiga cidade.

Além de seus familiares, a participante relata possuir colegas de faculdade que lhe ajudam e, durante as aulas, encontrou pessoas que também haviam se mudado de outras cidades para a capital de São Paulo, logo, consegue manter conversas sobre esta experiência e o sentimento de saudades de casa.

Ao falar sobre sua cidade anterior, também afirma que grande parte do medo que sentia diante de se mudar e passar a viver sozinha tratava-se do fato de que sempre teve animais de estimação consigo e não poderia trazer, sequer, um deles para fazer-lhe companhia. Então diz que tem o desejo de adotar um novo animal de estimação para aliviar o fato de estar só em casa

A participante revela que, apesar de gostar de ficar sozinha, o sentimento de solidão oriundo de desejo próprio é muito diferente daquele proveniente de não ter alguém para lhe fazer companhia, sendo que não há pessoas ao seu redor o tempo todo desde que passou a morar só. Nas ocasiões em que o sentimento de solidão é mais forte, tende a colocar um programa ao vivo na televisão para que tenha a sensação de ter outras pessoas em casa, então conta que, na verdade, mantém a televisão ligada o tempo inteiro, pois sente que enlouqueceria caso ficasse em silêncio absoluto.

Um dos aspectos que sente diferença após a mudança é o aumento de independência, pois passou a ter que assumir responsabilidades, como organizar a sua casa e ir ao hospital sozinha caso necessário, mas sente que esse processo está sendo mais fácil do que esperava ser.

Por fim, disse que ainda não pensou muito sobre as expectativas acerca da vida em uma nova cidade, mas acredita que voltará para sua cidade antiga quando acabar a faculdade, a depender do andamento do curso e das oportunidades que surgirem. Devido a ter se mudado há curto período, disse que não conseguiu amadurecer as ideias e os desejos para o futuro, mas entende que, conforme o tempo for passando, amadurecerá e se tornará mais forte.

4.3.2. Análise dos conteúdos emergentes durante o procedimento

Nas histórias criadas pela participante mediante a apresentação de obras de Edward Hopper, fizeram-se significativamente presentes elementos referentes à rotina egóica. Acontecimentos triviais experienciados pelas pessoas retratadas nas imagens compõem a maior parte das narrativas imaginadas durante a primeira metade do procedimento, podendo-se considerar que, a princípio, houve certa resistência ao movimento projetivo de conteúdos psíquicos inconscientes (JUNG, [1959] 2013), de modo a se ater a elementos conscientes, ou seja condizentes a um lugar seguro e conhecido, possivelmente devido ao receio de entrar em contato com aspectos de sombra encobertos (JUNG, [1951] 2015). Sendo assim, histórias centradas em acontecimentos como amigas distantes conversando (1ª pintura), pessoas dialogando em um bar no fim de um dia (4ª pintura) e uma mulher viajando a trabalho (5ª pintura) representam momentos cotidianos da atividade egóica e, especialmente quando permeados por outras pessoas, trazem consigo a naturalidade e a segurança.

Esta ideia torna-se ainda mais evidente ao dizer que os protagonistas da 8ª pintura são duas pessoas constituintes de um casal que, apesar de não estarem em interação direta, fazem atividades que lhes trazem prazer enquanto acompanhados um do outro. Deste modo, afirma “Parece que é um casal fazendo as coisas normais do dia a dia, sabe? Passando um tempo de qualidade juntos, a impressão que passa é que eles tão aproveitando um tempo de qualidade juntos e parece que é algo que eles fazem todos os dias. Ela acabou de sentar para tocar piano, ele tá lendo o jornal, os dois chegaram agora do trabalho de cada um e estão aproveitando o que gostam de fazer na presença um do outro”; cenário a que a participante atribui a condição de naturalidade.

Em contrapartida, ao se deparar com uma das imagens e relatar que o sentimento que lhe acomete é a solidão, simultaneamente, cria a seguinte história: “Ela tá numa mesa redonda sozinha, então eu acho que ela tá se sentindo sozinha, mas eu acho que ela está esperando alguém aí, então eu acho que ela está tendo um dia ruim e está esperando alguém chegar pra compartilhar como foi o dia dela [...]” (2ª pintura). Nessa cena, percebe-se que o conteúdo projetado na imagem refere-se à solidão como um estado não natural, em que se espera alguém aparecer para modificá-lo, ou seja, para a participante, a solidão é

acompanhada de aspectos negativos, no caso da narrativa criada, decorrentes de ter um dia ruim, mas com a expectativa de que um terceiro chegará para lhe fazer companhia e, assim, retirá-la da solidão e dos sentimentos ruins que a acompanham.

Nessa perspectiva, diante da pintura seguinte, a participante imediatamente atribui um sentimento de paz para a imagem, justificado pela narrativa criada conter um lugar no qual o homem está representado que é semelhante à sua antiga casa, na qual se sente bem. Na história correspondente, diz que a figura masculina retratada está em um bom momento, acrescentando que “[...] o dia tá claro, o lugar que ele trabalha parece que traz uma paz, assim. Eu gosto muito de cidade, então os prédios, uma sensação de conforto e estar em casa”, concedendo o caráter de tranquilidade à sua terra natal e à vida a qual estava habituada. A importância da cidade de origem para a participante aparece ao longo da entrevista, uma vez que afirma acreditar que retornará para o litoral quando terminar os estudos e crer que a sensação de desespero sentida quando esteve sozinha pela primeira vez foi aliviada pelo pensamento de que, a qualquer momento, poderia pegar um ônibus e viajar para sua casa antiga, encontrando sua mãe.

Outro aspecto que aparece ao longo da entrevista relaciona-se às responsabilidades que sente que deve assumir ao morar sozinha, sobretudo, relativas ao apartamento em que vive e aos cuidados de saúde e bem-estar consigo mesma. Na narrativa criada diante da 6ª pintura, a participante diz: “Ela está limpando um machucado no joelho, parece que ela saiu do banho agora e, talvez, ela tenha escorregado e batido o joelho. Sabe aquelas banheiras que tem um chuveiro? Ela foi sair e bateu o joelho na borda da banheira e ela sentou para limpar e colocar alguma coisa, deve ter cortado pela batida forte”. Além deste ser um comportamento que, eventualmente, se vê fazendo, na história contada, a protagonista não permite que este acontecimento impeça-a de ir à festa a que planeja comparecer, portanto, sai com suas amigas apesar de machucada, não se dando tempo para vivenciar este momento. Essa narrativa sugere a interpretação de que a participante assume uma persona pautada em aspectos positivos (JUNG, [1921] 2015) para compensar e mascarar seu real sentimento, uma vez que, ao adotar uma persona tranquila e bem-adaptada à mudança que está vivendo, evita experienciar os momentos de tristeza e dor, possivelmente,

representados no machucado da narrativa imaginada.

Tais aspectos negativos também são projetados em outra ocasião ao longo do procedimento, na história referente à 7ª pintura, diante da qual a participante conta: “Parece que ela é uma detetive que está vendo o alvo dela na plateia do teatro e ela tá estudando a plateia; ela tá vendo quem poderia ser o alvo dela, da missão que ela tá cumprindo e ela tá perto da saída para que, assim que ela conseguir identificar, ela ir embora (...) ela está tentando descobrir, só passaram para ela que uma pessoa nesse teatro ia explodir uma bomba e, aí, ela está vendo quem poderia ser essa pessoa [...]”. Nessa história, o perigo iminente não identificado é um aspecto que deixa a protagonista em estado de alerta para tentar impedir aquilo que pode vir acontecer, neste caso, a explosão de uma bomba.

O medo da participante de entrar em contato com conteúdos desagradáveis, possivelmente, reprimidos e relegados à sombra (JUNG [1951] 2015) leva o ego a um estado defensivo para tentar evitar sua emergência à consciência, principalmente, por estar em um ambiente com o qual não tem tanta familiaridade quanto sua cidade antiga. Logo, a participante parece reprimir os respectivos sentimentos, mantendo-se em estado de vigilância e controle egóicos, sendo assim, a relação conflituosa entre conteúdos conscientes e inconscientes é projetada na tela, mediante a narrativa criada em que uma detetive tenta descobrir seu alvo e identificar perigos ao seu redor, o que alude ao contato com conteúdos negativos exteriores e interiores, mas mantendo-se próxima à saída, remetendo ao não preparo para lidar com estes aspectos, mascarados através da persona e afastados da consciência pelo ego, em um movimento alusivo à fuga na narrativa imaginada.

Ademais, a participante encerra o procedimento, conferindo às duas últimas pinturas histórias imbuídas da possibilidade de transformação permeada pela solidão, conforme segue: “Ela está viajando e parece que está muito feliz (...) ela resolveu tirar um tempo sozinha e aproveitar esse tempo sozinha para conhecer uma cidade que ela sempre quis conhecer, sozinha para ela conseguir fazer o que quiser, conhecer pessoas novas e ela chegou e pegou o primeiro trem que viu (...)” (9ª pintura); “Ela tá vendo o movimento da rua, ela acordou, leu um livro e resolveu ficar vendo o movimento da rua mesmo. É um dia tranquilo, tipo, um final de semana, assim, e ela tá tirando um dia para ela; ela tá

aproveitando e descansando, fazendo só coisas que não exijam muito pensamento” (10ª pintura). Portanto, observa-se que a participante consegue atribuir um potencial transformador a estar sozinha, ou seja, apesar de ainda ter receio de contatar os aspectos que podem emergir do estado de solidão, consegue conferir os sentimentos de paz e felicidade a este, bem como a despeito de compreender a necessidade de estar acompanhada por outras pessoas, vislumbra a possibilidade de se sentir completa consigo mesma.

4.4. Análise comparativa entre os participantes

As participantes deste estudo foram três jovens de 18 ou 19 anos, sendo duas delas naturais de cidades localizadas no interior do estado de São Paulo e uma, de uma cidade situada no litoral deste estado.

No decorrer da condução desta pesquisa, tornou-se claro que, para todas as participantes, a relação com o sentimento de solidão e o estar sozinha são fenômenos complexos, em que há dificuldade considerável de contatar os aspectos atribuídos a eles. Mediante a análise dos conteúdos psíquicos projetados durante o procedimento, esta constatação tornou-se ainda mais evidente, na medida em que revelaram a concepção de que a solidão e o estar sozinha sempre carregavam consigo sentimentos negativos ou conteúdos sombrios e desagradáveis, por outro lado, foram atribuídas as sensações de normalidade e felicidade às figuras humanas acompanhadas por terceiros nas pinturas. Portanto, ao longo das narrativas criadas pelas três participantes, pode-se perceber que a solidão não é bem-vinda, pois tem potencial de carregar em si e promover a emersão à consciência de elementos com os quais não estão preparadas para lidarem.

A dificuldade de entrar em contato com o sentimento de solidão expressa nas criações das narrativas encontra contradição com o discurso estabelecido pelas participantes durante as entrevistas, dado afirmarem que gostam e têm facilidade de permanecerem sozinhas. Entretanto, na prática e como constatado por meio dos movimentos projetivos nas telas, esse discurso não se mantém, visto que todas tentam fugir desse estado, refugiando-se na casa de pessoas conhecidas, trazendo amigos para seus apartamentos, colocando sons, como os

propagados por televisão e música, para interromperem o silêncio ou mantendo contato constante com pessoas de suas cidades natais.

A participante 3 afirma que, apesar de gostar de ficar sozinha, há diferenças entre estar só por opção própria e devido a não ter alguém por perto, então seu sentimento atual de solidão não é decorrente de uma escolha. Ainda, as participantes 1 e 3 concordam quanto à falta que seus animais de estimação fazem em suas vidas e a impossibilidade de tê-los por perto potencializa o sentimento de solidão no processo de adequação à nova cidade.

Outro aspecto que se encontra em concordância entre as participantes refere-se aos apartamentos em que passaram a residir, como exemplo, as participantes 1 e 2 queixaram-se da diminuição do espaço de moradia em comparação ao que estavam habituadas em suas antigas cidades e, durante o procedimento, situaram as personagens das histórias criadas por elas em locais pequenos que lhes lembravam seus apartamentos atuais, acompanhadas pelo sentimento de tristeza ou melancolia. Já a participante 3 associa um dos ambientes ilustrados nas pinturas ao apartamento em que morava antes de se mudar, dessa vez, acompanhado por um sentimento positivo, a paz. Ademais, entende-se que a redução do espaço de moradia é um aspecto que, para as participantes, parece intensificar os sentimentos negativos atribuídos à solidão.

Entre as participantes, identifica-se maior dificuldade de lidar com o fato de estar sozinha e o sentimento de solidão por parte da primeira, que tanto na entrevista quanto nas narrativas criadas para as pinturas, parece mascarar os elementos negativos e promotores de sentimentos desagradáveis, possivelmente, relegados à sombra, mediante a adoção de uma persona pautada em grandiosidade (JUNG, [1921] 2015). A segunda participante expressou aspectos recorrentes, no transcorrer de todo o procedimento, relacionados à temática da dependência familiar e da necessidade de seguir um caminho que orgulhe seus pais, nessa perspectiva, parece não se permitir vivenciar a solidão por temer não ter recursos para lidar com incertezas, fragilidades, receios e outros sentimentos desagradáveis que podem surgir e, conseqüentemente, decepcionar suas figuras parentais, de forma a também passar a adotar uma persona pautada na adaptação e tranquilidade diante da transição vivida (JUNG, [1921] 2015). Já a terceira participante, apesar de ainda apresentar dificuldades de contatar os sentimentos associados à solidão, é a única que confere possível

potencial transformador a esse estado, ou seja, vislumbra encontrar, na solidão, a possibilidade de desenvolvimento, ainda que este aspecto tenha sido apenas atribuído a personagens nas telas, contudo, pode ser concebido como um primeiro movimento em prol desta transformação que, por sua vez, demandará tempo e maturidade.

Outro aspecto comum percebido entre as participantes 1 e 2 é a diferença de sentimento atribuído à reflexão por uma figura masculina e uma figura feminina. Enquanto na 3ª pintura, ambas conferem o sentimento de paz ao fato do protagonista estar refletindo sobre sua vida, na 10ª pintura, a reflexão pela figura feminina é associada à tristeza e decepção em relação às suas escolhas e à trajetória que sua vida tomou. Sendo assim, sugere a interpretação de que, possivelmente, a projeção de conteúdos internos é facilitada pela imagem feminina, visto encontrarem identificação maior consigo mesmas. Entre as participantes 2 e 3 também se observa recorrência de histórias marcadas pela rotina egóica, ou seja, não imbuídas de projeções, com vistas a permanecerem em um lugar conhecido, podendo indicar a necessidade de controle egóico diante do receio de se abrirem para aspectos desconhecidos, oriundos da sombra (JUNG, [1951] 2015).

Ao longo da análise dos procedimentos, foi possível identificar que perante algumas imagens, as três participantes projetaram conteúdos psíquicos semelhantes. A 1ª pintura foi marcada pela ausência de elementos inconscientes, resumindo-se a aspectos egóicos. Na 2ª pintura, fizeram-se presentes sentimentos negativos como solidão e melancolia nas histórias de todas as participantes, que projetaram, nessa imagem, a infelicidade, por sua vez, conferida à protagonista da tela devido a estar sozinha. Na 3ª imagem, todas criaram histórias em que a figura masculina retratada estaria em um momento reflexivo de maneira positiva, atribuindo o sentimento de paz à situação. Os temas projetados na 6ª pintura variaram entre as participantes, mas todos referiam-se à protagonista estar machucada de alguma forma e tentando mascarar esse sentimento, seja planejando uma visita à sua família, lendo a carta de uma pessoa amada ou indo para uma festa com as amigas, o que pode indicar a repressão, portanto, a não permissão de contato pelo ego com conteúdos considerados desagradáveis.

Ademais, percebe-se a aparição de temas sensíveis na 7ª pintura, diante da qual as participantes criaram narrativas que canalizavam tensões e anseios relacionados às incertezas que sentem. A participante 1 contou uma história pautada pela decisão de uma máfia familiar que, possivelmente, culminaria na morte de alguém; a participante 2 narrou uma mulher triste no cinema, em função do filme retratar um tema familiar ou de ter sido abandonada pelas pessoas que deveriam acompanhá-la; e a participante 3 expressou uma narrativa centrada em uma ameaça não identificada que poderia trazer prejuízo para as pessoas naquela situação. Os temas projetados nessa imagem, portanto, apesar de não serem similares em seu teor, dialogam entre si e parecem refletir a insegurança sentida perante o momento que vivenciam.

5 Considerações Finais

Esta pesquisa objetivou compreender como o sentimento de solidão acomete pessoas que se distanciam da vida com a qual estão habituadas para iniciarem um novo ciclo. A partir dos dados coletados em entrevistas e da análise de movimentos projetivos em histórias criadas pelas participantes, com base na apresentação de pinturas de Edward Hopper, constatou-se a frequente associação da solidão e do estar sozinha a elementos negativos, como os sentimentos de tristeza e melancolia, além da evitação da solidão, devido a promover momentos de reflexão intensos que podem trazer conteúdos desagradáveis, penosos e hostis à consciência.

Apesar de dizerem que gostam e estão preparadas para lidarem com o estado de solidão, a fuga deste foi recorrente nos relatos e histórias criadas pelas participantes que, assim, evitam-no ao máximo, bem como os sentimentos que o acompanham. Sendo assim, o motivo da solidão ser uma condição tão temida e opressora para as participantes decorre da associação entre solidão e tristeza/melancolia, bem como da correlação entre companhia e naturalidade/felicidade, de modo a serem buscadas formas diversas para não se encontrarem sós. Desse modo, percebe-se que, no decorrer do processo de mudança de cidade e afastamento da vida com a qual estavam habituadas, o sentimento de solidão dá-se não apenas pelo distanciamento físico e psicológico das pessoas e ambientes usuais, mas também pelo estranhamento sentido diante dos elementos que surgem na nova fase de vida.

O uso das pinturas de Edward Hopper foi essencial para a coleta de dados neste trabalho, visto que, nas histórias criadas pelas participantes da pesquisa, foram projetados conteúdos inconscientes que não foram expressos nas entrevistas, portanto, não abordando diretamente temáticas possivelmente delicadas, as participantes puderam expressar seus conteúdos internos relacionados às inseguranças e sentimentos desagradáveis decorrentes de suas mudanças de vida. Ainda que a arte tenha um significado próprio para cada um de seus espectadores, percebe-se que esta pode ser usada como facilitadora do contato com conteúdos internos de difícil acesso pela consciência egóica, na medida em que, através das pinturas expostas, as participantes puderam abordar temas delicados, projetando-os em figuras externas a si.

Desse modo, acredita-se terem sido atingidos os objetivos propostos, uma vez que a pesquisa contribuiu com a compreensão do sentimento de solidão por jovens mediante mudança de cidade para cursarem faculdade, a partir da análise de movimentos projetivos em obras de Edward Hopper alusivas à solidão, bem como de conteúdos conscientes e inconscientes relacionados ao estado de solidão expressos pelas participantes durante o procedimento proposto.

Por fim, destaca-se a necessidade de estudar mais detalhadamente o estado de solidão e a abertura das pessoas para vivenciá-lo, visto que ainda se observa a associação da solidão e do estar sozinho a sentimentos negativos e à incompletude. Dessa forma, a investigação acerca dos motivos pelos quais as pessoas podem ter receio de ficarem sozinhas e tentarem evitar este estado, bem como a raiz da correlação entre solidão e elementos negativos são temas valiosos a serem aprofundados em pesquisas futuras.

Referências bibliográficas

BATISTA, Elizabeth Pinto. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. In: **Psicologia USP**, v. 15, 71-80, São Paulo, 2004.

BERGUNO, George et al. Children's experience of loneliness at school and its relation to bullying and the quality of teacher interventions. In: **The qualitative report**, v. 9, n. 3, 483-499, Fort Lauderdale, 2004.

FERREIRA, Débora Sousa Simões. **A relação entre o isolamento social e o sentimento de solidão em jovens adolescentes**. Lisboa, 2012. 42 fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Universitário Ciência Psicológicas, Sociais e da Vida.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. A voz do silêncio na arte de Edward Hopper: ou a modernidade desencantada. In: **Modos: Revista de História da Arte**, v. 1, n. 2, 29-46, Campinas, 2017.

FORMIGA, Nilton Soares; MELLO, Ivana. Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. In: **Psicologia: ciência e profissão**, v. 20, 12-19, Brasília, 2000.

GARRETT, Lyndon E.; SPREITZER, Gretchen M.; BACEVICE, Peter A. Co-constructing a sense of community at work: the emergence of community in coworking spaces. In: **Organization Studies**, v. 38, n. 6, 821-842, Washington, 2012.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de administração de empresas**, v. 35, 57-63, Rio de Janeiro, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo, O. C. IX/2**. [1951]. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **O homem e seus símbolos**. [1964]. 2. ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 2008.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo, O. C. IX/1**. [1959]. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

_____. **Memórias, sonhos, reflexões**. [1961]. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação, O. C. V.** [1952]. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Tipos Psicológicos, O. C. VI.** [1921]. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2015

MANFREDINI, Vanessa; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. O uso de testes psicológicos: a importância da formação profissional. In: **Revista Grifos**, v. 19, n. 28/29, 133-146, Chapecó, 2010.

MOREIRA, Virginia; CALLOU, Virginia. Fenomenologia da solidão na depressão. In: **Mental**, v. 4, n. 7, 67-83, Barbacena, 2006.

OLIVEIRA, Mariana Lessa de. **Entre linhas e traços: os Estados Unidos pós guerra de F. Scott Fitzgerald e Edward Hopper.** Porto Alegre, 2010. 70 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PENNA, Eloisa. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. In: **Psicologia USP**, v. 16, 71-94, São Paulo, 2005.

PEREZ, Valmir. Edward Hopper – Um olhar bondoso em busca do espírito de uma época. In: **Lume Arquitetura**, v. 6, 60-65, São Paulo, 2008.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; TAMAYO, Alvaro. Conceituação e definição de solidão. In: **Revista de Psicologia**, v. 2, n. 1, 29-37, Fortaleza, 1984.

POCINHO, Margarida; FARANTE, Carlos; DIAS, Carlos Amaral. Validação Psicométrica da Escala UCLA-Loneliness para Idosos Portugueses. In: **Interações**, n. 18, 65-77, Belo Horizonte, 2010.

RAMOS, Maria Helena; VARANDAS, Maria Zita; REIS, Filipe Damas. Conotação semântica do TAT Estudo preliminar. In: **Análise Psicológica**, v. 1, 55-61, Lisboa, 1977.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, 142-157, Brasília, 2014.

RODRIGUES, Ricardo Moreira. Solidão, um fator de risco. In: **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 34, n. 5, 334-338, Lisboa, 2018.

SANTOS, Ágata Sofia Alençã. **Don't come knocking de Wim Wenders e o universo imagético de Edward Hopper.** Coimbra, 2009. 98 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Artísticos) – Universidade de Coimbra.

SIQUEIRA, Marcus V. S.; DIAS, Cledinaldo A.; MEDEIROS, Bárbara N. Solidão e trabalho na contemporaneidade: as múltiplas perspectivas de análise. In: **Revista de Administração Mackenzie**, v. 20, n. 2, (n.p.), São Paulo, 2019.

STEINKE, Anna Paula Zanoni. **Imagens da solidão na contemporaneidade: a contribuição do filme Her em uma perspectiva junguiana**. São Paulo, 2016. 176 fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo.

Apêndice A – Roteiro da entrevista semi-dirigida

1. Qual sua idade, a cidade da qual você veio e o curso/faculdade escolhido?
2. Descreva o processo completo de mudança, desde o motivo e a tomada da decisão de realizar essa transição até realmente efetuá-la.
3. Você enfrentou desafios nesse processo? Se sim, quais?
4. Como foi o processo de adaptação aos novos arredores?
5. Como foi a reação dos familiares sobre o processo de mudança?
6. O sentimento de solidão foi um aspecto presente durante o processo de mudança para a cidade nova e a adaptação ao curso escolhido? Caso tenha sido, quais estratégias foram utilizadas para lidar com isso?
7. Você formou uma rede de apoio na cidade e/ou na faculdade? Se sim, como foi essa construção?
8. Como você vê seu futuro em relação à sua experiência na faculdade e na cidade? Quais são suas expectativas?
9. Gostaria de acrescentar alguma coisa ao que já foi dito ou complementar com experiências, pensamentos e perspectivas que ainda não abordamos e você considera relevante?

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Sr(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “A representação da solidão na contemporaneidade a partir das obras de Edward Hopper: um olhar da Psicologia Analítica”. Nesta pesquisa, pretende-se apreender a complexidade do fenômeno da solidão na sociedade contemporânea. O motivo dessa pesquisa é analisar a expressão artística como uma forma de transmissão do sentimento coletivo de solidão.

Para esta pesquisa, será adotado o seguinte procedimento:

Um encontro presencial, com duração de uma hora e meia, no qual deve ter seu áudio gravado para posterior transcrição, a fim de possibilitar a apreensão fiel de seu conteúdo. O horário e o local para a realização do procedimento serão acordados levando em consideração a disponibilidade do(a) participante.

Ao longo do encontro procura-se esclarecer todas as questões referentes à pesquisa, informando a finalidade da pesquisa, bem como se apresentará o termo de consentimento livre e esclarecido para assinatura. Os participantes da pesquisa deverão contar histórias baseadas em cada uma das dez figuras pré-determinadas que serão mostradas, tal qual relatarão os sentimentos e pensamentos que lhes acometem quando entram em contato com elas. Ademais, será aplicada uma entrevista semi-dirigida que se propõe a ser um instrumento esclarecedor quanto ao processo de mudança do(a) participante.

Para participar deste estudo, não haverá nenhum custo e nenhuma das partes (pesquisador e participante) receberá qualquer vantagem financeira. O(A) participante terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador, que tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

No caso do risco de o(a) participante sentir-se desconfortável, constrangido(a) ou arrependido(a) de fazer as entrevistas, o procedimento será

interromper imediatamente sua participação na pesquisa. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será exposto sem a sua permissão. Caso o(a) participante perceba que algo lhe trouxe demasiada exposição no que se refere ao conteúdo da sua participação, também poderá interromper sua participação na pesquisa.

O(A) participante não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar dessa pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao(à) senhor(a). Os dados utilizados serão arquivados pelo pesquisador responsável por um período de 05 (cinco) anos e, após este período, serão destruídos. O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, conforme à legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Diante de qualquer necessidade de contato, o pesquisador responderá pelo telefone (xx) xxxxx-xxxx ou pelo e-mail: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Esse Comitê é composto por professores doutores e pesquisadores da PUC-SP que fazem uma avaliação de pesquisas que envolvem seres humanos e seus aspectos éticos, no intuito de que sejam trabalhos científicos que não tragam nenhum prejuízo aos participantes. Este Comitê pode ser acessado na sala 63-C do andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo) do Campus Monte Alegre da PUC-SP, situado na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo/SP - CEP: 05015-001, bem como contatado através do telefone/fax (11) 3670-8466 ou do e-mail cometica@pucsp.br

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa de forma clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que, a qualquer momento da pesquisa, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participação na mesma.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de

consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

São Paulo, _____ de _____ de 20____

Assinatura do(a) participante

Assinatura do pesquisador

Apêndice C – Transcrições

Participante 1

Entrevista

1. Qual sua idade, a cidade da qual você veio e o curso/faculdade escolhido/a?

R: Eu tenho 19 anos, eu vim de uma cidade do interior e faço jornalismo aqui na PUC e letras na USP.

2. Descreva o processo completo de mudança, desde o motivo e a tomada da decisão de realizar essa transição até realmente efetuar-la.

R: Foi assim, muito difícil porque eu não conhecia nada de São Paulo, né? Então aí, eu não sabia, tipo, onde era bom pra morar. Aí, eu descobri o segredo que eu devo morar perto do metrô, né? E só que, nesse momento, eu não sabia. Então eu fiquei, tipo, 2 a 4 dias assim, pesquisando. E meu pai também, tipo, um mês assim, pesquisando o apartamento aqui em São Paulo. E eu faço USP também, Letras noturno. Então eu precisava, tipo, de um meio termo, tipo, morar tanto perto da PUC quanto da USP, entendeu? Aí, eu ficava pesquisando os bairros, só que é caríssimo morar em Perdizes e é caríssimo morar no Butantã também, então tava muito difícil encontrar um lugar bom. Aí, acabou que, tipo, o meu pai percebeu que era melhor eu morar perto do metrô porque, tipo, para a PUC, não ajuda muito perto do metrô porque não fica perto de um metrô, mas a USP ajuda porque tem o Butantã, então o segredo era melhor morar perto do metrô para melhor locomoção. Aí, a gente pesquisou assim, “Metrô Consolação”, mas eu nunca tinha ido pra São Paulo ainda, aí, assim, o primeiro apartamento que apareceu com um preço bom e perto do metrô, a gente já ligou e marcou visita. E acabou que, na primeira vez que eu vim pra São Paulo, esse apartamento deu certo e era, tipo, uns 20 minutos daqui da PUC e uns 30 minutos da USP, entendeu? Então foi muito meio termo, foi, tipo, perfeito assim, tipo, caiu com uma luva, eu dei muita sorte. Mas, assim, sorte depois de eu me desesperar

muito, semanas procurando. Aí, foi isso, tipo, aí, a gente veio visitar, viu que tava tudo ok e, depois, foi um processo para ver a questão do contrato que exigia muita coisa absurda, entendeu? E aí, a gente entrou em contato com ele [o vendedor], ele mudou algumas coisas, a gente trouxe a mudança de casa, não alugou caminhão porque era muito caro, aí, trouxe mudança de carro e, depois, comprou algumas coisas que precisava comprar e é isso. Agora, estou morando sozinha e foi esse o processo?

Pesquisador: Você começou na USP esse ano também?

Participante 1: Esse ano sim, foram as duas juntas, aí, fico aqui [PUC] de manhã e faço letras lá à noite.

3. Você enfrentou desafios nesse processo? Se sim, quais?

R: Tipo assim, foi difícil de localizar, tipo assim, porque, na minha cidade, é tudo perto, entendeu? Então quando você fala 15 minutos, é muito longe um lugar do outro, então geralmente é uns 6 minutos por aí, mas 15 minutos é muito longe. Então, tipo, eu tive que ter um senso de que 20 minutos era perto, entendeu? Só que daí, eu tava vendo uns apartamentos que davam, tipo, 1 hora e pouco de ônibus? Aí, tipo, 1 hora e 40 é o tempo que eu demoro para chegar em na minha cidade, entendeu? Então eu ficava indignada. Aí, eu percebi que 1 hora e 40 era meio longe ainda, mesmo para paulistas era longe, entendeu? Aí, a dificuldade mesmo foi em questão de distância porque, no interior é tudo perto. Aí, uma outra dificuldade não é em relação à mudança, mas ao estilo de vida porque, em na minha cidade, não tem assalto, entendeu? E tipo, São Paulo é cheio e eu nunca fui assaltada, então é isso que me pega assim, sabe? Tipo, eu volto a pé à noite, entendeu? E isso me dá muito medo assim, sabe? Eu tenho que tomar muito cuidado. Aí, o que mais me marca mesmo é a questão da distância porque minha cidade é pequena e a questão de assalto; porque lá não tem assalto. Eu chego em em casa e me dá felicidade de poder colocar o celular no bolso de trás, entendeu? Porque aqui, em São Paulo, não dá!

4. Como foi o processo de adaptação aos novos arredores?

R: Então a questão do apartamento foi muito difícil porque eu sempre morei em casa, então, tipo, eu podia fazer o maior barulho que, tipo, vizinho não vai escutar. Mas apartamentos, principalmente, quitinete, né? Tipo, porque era prédio antigo e aí, foi modificado para moradia, então, tipo, as paredes são muito ocas, sabe? Então eu, que derrubo tantas coisas várias vezes, tipo, tem um bebê no apartamento do lado, então se você derruba o prato, ele começa a chorar, entendeu? Então é culpa minha que o bebê começou a chorar, mas, tipo, eu não tenho noção do barulho, sabe? Tipo, a minha família conversa muito alto, então quando meus pais estão aqui, eu fico pensando: fala baixo porque os vizinhos vão escutar tudo que a gente tá falando, sabe? Televisão, nossa mano, o meu apartamento é muito pequeno, então não tem isso de longe, mas, tipo, a minha televisão fica longe de onde eu sento, então eu tenho que ficar perto, pegar uma cadeira perto pra que eu conseguia assistir televisão porque se não, o som fica saindo pra pro corredor, entendeu? Mas, enfim, em questão de apartamento, foi muito difícil por causa do som, por causa de ser muito pequeno, tipo, é 21 m², é minúsculo onde eu moro, sabe? E eu sempre acostumei em casa, de ter quintal, aqui, não tem como ter animal, entendeu? Eu sinto muita falta das minhas cachorras, tá tudo em no interior e eu não consigo trazer porque, primeiro, teria que pagar pra higienizar o local mensalmente, pelo menos, meu contrato. E aí, também tem a questão de que, tipo, eu nem fico no meu apartamento pra dar atenção pro cachorro e aí, é isso, tipo, é pequeno o apartamento, é, especialmente tamanho, entendeu? Aí, em relação à faculdade, eu fiquei 2 anos no cursinho, então foi tipo muito tempo estudando para uma prova, entendeu? É que, na PUC, não tem muita prova, mas na USP, já começou, entendeu? Vai ter 2 provas por semestre, então tipo, eu fui muito tempo estudando a longo prazo, levava o meu tempo, aí, eu estudava um pouco de cada coisa e era um prazo muito diferente, né? E a prova de faculdade é muito diferente da prova de ensino médio e aí, eu desacostumei de fazer prova; ontem, eu tive a primeira prova da USP e é um estilo diferente assim, sabe? Então em relação a PUC, tipo, é que não tem tanta prova aqui, então isso está mais tranquilo, mas isso de, tipo, estudar, tipo, muita leitura, entendeu? Eu não tinha hábito de leitura que o professor pede, com texto, antes, era só se caísse na prova, sabe? O hábito de

estudo que mudou.

5. Como foi a reação dos familiares sobre o processo de mudança?

R: Ah, foi de alívio porque foi no terceiro ano do ensino médio que eu fiquei, tipo, com a expectativa de mudar para São Paulo, entendeu? E tipo, ainda bem que eu não mudei porque é tipo assim, eu não sei se isso é um discurso conformista que eu tô falando, mas é que tipo, ainda bem que eu não mudei porque eu tinha 17 anos, entendeu? Então, tipo, eu vim para cá, meu irmão, 19, já está sendo, tipo, assustador, imagina, tipo, com 17, entendeu? Então foi, tipo, um alívio porque também fico muito feliz. Todo mundo queria que fosse ou para Bauru, na Unesp de jornalismo, que eu não passei, ou para jornalismo na USP, que eu mudei um curso, ou para PUC, queriam que mudasse de cidade para estudar fora, entendeu? Então, tipo, e meu irmão, eu tenho um irmão mais velho, então não foi um baque assim pros meus pais porque já teve o meu irmão como exemplo, entendeu? Tipo, eles vivenciaram experiências de, tipo, levar um filho para outra cidade e, tipo, para ele estudar, entendeu? E era Ribeirão, então era mais longe ainda. Sabe, é muito fácil ser irmã mais nova, entendeu? Então não foi tão baque pra eles e eles ficaram super felizes. Tipo, foram atrás de mudança, mesmo nem sabendo se eu ia passar ou não.

6. O sentimento de solidão foi um aspecto presente durante o processo de mudança para a cidade nova e a adaptação ao curso escolhido? Caso tenha sido, quais estratégias foram utilizadas para lidar com isso?

R: Nossa, total, porque eu gosto muito de conversar e gosto muito. Eu tenho muita gente próxima e eu nunca estava sozinha em casa, entendeu? Era uma coisa que, antes, me incomodava até, tipo, de não ficar sozinha, não ter tempo sozinha em casa porque meu pai é aposentado, meu pai aposentou ano passado, então, tipo assim, se não era a minha mãe que estava em casa, era meu pai, senão era meu irmão, sempre tinha alguém e, assim, gente para conversar e era família grande, então, tipo, tem conversa o tempo inteiro, era muito barulhento, entendeu? Então, tipo, foi muito assim, eu sempre fui acostumada com gente em casa, gente para conversar e falando alto. Aí, eu

venho para cá e fico sozinha e, tipo, a única conversa é por videochamada, ligação e WhatsApp, tipo, não tem ninguém ali, entendeu? Minhas amigas da PUC e minhas amigas da USP, por exemplo, todo mundo mora longe, entendeu? Tipo, ninguém mora perto da minha casa pra me visitar e, tipo, os vizinhos não têm muito a minha idade, entendeu? Não tem alguém pra ir na minha casa e conversar, pelo menos, por enquanto não, entendeu? E isso é muito ruim assim, sabe? Nossa, a primeira vez que eu fiquei sozinha, é que esses dias o meu pai estava comigo, eu voltei do feriado e meu pai ficou aqui, mas ele já foi embora. Então, tipo, tem uns dias que meus pais vêm aqui no final de semana, só que não é o tempo todo, entendeu? A primeira vez que eu fiquei sozinha foi, tipo, de um dia para o outro, meu pai foi embora e ia voltar no dia seguinte. E eu fiquei, meu Deus, eu fiquei muito triste assim e não tinham começado as aulas, então não tinha nada pra fazer, entendeu? E aí, foi, tipo, um tédio, tipo, eu moro num lugar pequeno e ficava olhando pra parede, mandei mensagem pra todo mundo, dizendo que tava me sentindo muito sozinha, mas ninguém mandava mensagem na hora. Então é horrível, tipo, eu gosto muito de conversar e ficar sozinha é péssimo, sinto solidão toda hora. Ainda está sendo assim.

Pesquisador: Você se mudou quando mesmo?

Participante 1: Foi no meio de fevereiro, faz um mês e pouco.

7. Você formou uma rede de apoio na cidade e/ou na faculdade? Se sim, como foi essa construção?

R: Sim, na PUC, eu percebi muito essa receptividade dos alunos, muito dos calouros, mais que na USP. Lá, como eu estudo no noturno, é muito diferente porque todo mundo é velho, todo mundo é adulto, então eu, na USP, fico muito sozinha, entendeu? Eu tenho uma amiga minha, só que ela é adulta e tá em outra realidade totalmente diferente que eu não estou, entendeu? Então eu, tipo, lá na USP, eu me sinto muito sozinha, assim, tipo assim, não tenho muito apoio, não tem pessoas pra conversar que vem de fora, então não consigo desabafar sobre isso. E aqui na PUC, apesar da maioria ser de São Paulo, têm umas pessoas ou outras que vieram de fora e é muito bom ter elas pra se identificar

porque elas entendem o que é, tipo, ter saudade dos pais, saudades de casa, saudades de cachorro, tem essa rede de apoio das pessoas, tipo, eu percebo esse apoio entre a gente, das pessoas que vieram de fora para vir para cá estudar, entendeu? E até de quem é daqui isso de vir de outro lugar para estudar é diferente para eles. Então, tipo, eles querem saber como a gente se sente, né? Então sim, eu sinto que tenho uma rede de apoio na PUC sim.

Pesquisador: E assim, fora da PUC, em relação ao seu apartamento e tudo mais. Os vizinhos e pessoas em geral, você tem algum contato?

Participante 1: Não, não. Tipo assim, a primeira vez que eu vi minha vizinha foi quarta-feira, eu estava indo levar o lixo. Eu saí um horário que eu nunca tinha saído do apartamento, aí, eu virei feliz, ela estava entrando na porta e falei Meu Deus, eu nunca tinha visto nenhum vizinho do lado, aí, ela falou que é porque ela fica fora o dia inteiro. Então não, é muito difícil encontrar vizinho até no elevador mesmo, sabe? Quando eu encontro, são sempre velhinhos, só tenho conversas de elevador, entendeu? Então no apartamento, não, só tem um porteiro que gosta de falar, o resto é tudo fechado.

8. Como você vê seu futuro em relação à sua experiência na faculdade e na cidade? Quais são suas expectativas?

R: O que eu espero é me formar em 4 anos aqui da PUC, né? E jogar para 7 anos a formação da USP. Aí, nisso, sei lá, acho que não pensei muito sobre isso. O que eu quero mesmo, que eu, como objetivo de carreira que eu espero que a faculdade proporcione e também por atitude minha, é ter uma grande carreira, entendeu? Porque eu faço jornalismo para aparecer na televisão, eu quero ser grande na profissão, eu vou fazer da profissão de Jornalismo porque não quero seguir Letras, tô cursando mais porque eu passei na USP e não queria jogar fora, entendeu? A minha expectativa é, tipo, conseguir um cargo muito alto e um nome muito representado no Jornalismo, entendeu? Claro que você não vai depender só da faculdade. O meu maior medo é chegar no quarto ano, é algo que muita gente fala, chegar no quarto ano e pensar que não tem nada pra fazer quando acabar a faculdade, não ter ido atrás de carreira direito, sabe? Eu não quero ter

isso. Eu quero ir atrás da carreira o mais rápido possível. Só que a segunda faculdade também dá um impasse de horários, entendeu?

9. Gostaria de acrescentar alguma coisa ao que já foi dito ou complementar com experiências, pensamentos e perspectivas que ainda não abordamos e você considera relevante?

R: Acho que não.

Procedimento:

1ª pintura

Sentimento: Aí, não sei, mas o que me lembrou foi do filme Meia noite em Paris, sabe? Me lembrou, tipo, a Belle Époque, esse estilo francês, com auges do que todo mundo quer ter.

História: Eu acho que está chovendo, mas tá de noite. Esse casal está num jantar normal, assim, eles não têm muito enfoque nesse quadro. E essas duas, eu acho que, pela fisionomia assim, ela está preocupada com alguma coisa que ela está contando porque ela está, tipo, um braço assim; aí, eu acho que ela está falando uma coisa e essa outra tava ouvindo de maneira, tipo, chocante no caso e esse casaco é dela.

2ª pintura

Sentimento: Ah, a primeira coisa que vem em mente, né, é solidão, nossa, com certeza. Aí, vou começar a história.

História: Eu acabei associando ela com aquela protagonista daquele outro quadro, entendeu? Tipo, ela recebeu a notícia e foi atrás de ver essa notícia, tipo, o que vem em mente agora é que ela foi traída e foi atrás do marido dela e descobriu que ela realmente está sendo traída. E aí, foi, tipo, para o café da noite para pensar consigo mesma: o que que vai fazer agora? Entendeu?

3ª pintura

Sentimento: Acho que a primeira coisa que me vem em mente é paz, assim, acho que muito pelo branco assim, né? Acho que se tivesse, tipo, vermelho, eu, talvez, não associaria. Mas paz mesmo, até porque tá tudo aberto assim; ele está vendo a cidade de cima assim, eu acho que está tomando café ou alguma coisa.

História: Ele está olhando de cima. Ou está escrevendo alguma coisa, eu não consigo pensar. Eu acho que a primeira coisa que me vem em mente é que ele está comendo uma coisa antes, mas olhando agora, parece papel um, assim, aí, ele está refletindo sobre o que ele pode escrever neste papel ou, se ele estiver comendo, ele está refletindo sobre alguma coisa na vida dele, enquanto ele está comendo.

Pesquisador: O que você acha que ele está refletindo?

Participante 1: Sobre a cidade, na verdade, eu pensei porque ele está vendo a cidade, pensando sobre como é o movimento e tudo mais.

4ª pintura

Sentimento: Ah, a primeira coisa que me vem em mente é aquela montagem que tem, tipo, as personagens de filme famosas, mas um sentimento é proximidade entre essas 3 pessoas aqui, elas têm algo a ser resolvido e elas tão, tipo, de roupa chique, assim, e parecem conversar, especialmente esse, e ela presta atenção no que ele diz. E nenhuma relação entre os 3 mais próximos e esse cara que está sozinho.

História: Esse cara que está sozinho matou alguém, aí, está aqui. Ah, já sei, ele matou alguém e esses três estão tentando descobrir quem foi o assassino de tal pessoa, entendeu? Mas foi ele que matou.

Pesquisador: Quem você acha que ele matou?

Participante 1: Ah, quem foi morto foi alguém, tipo, alguém da máfia, isso, alguém da máfia porque tá de chapéu.

5ª pintura

Sentimento: Curiosidade, uma das moças está curiosa a respeito da vida dessa outra, o que ela está lendo. O primeiro sentimento que me vem é de curioso mesmo.

História: Essa aqui parece estar de boca aberta, então acho que está conversando com esse cara aqui, tipo, comentando sobre o clima, algo do tipo, como eles estão longe, a conversa deve ser sobre o dia. E aí, essa outra, ela presta muita atenção nos outros e resolveu prestar atenção nessa mulher que está começando algum livro. Tipo, que vem em mente é Agatha Christie que ela está começando, entendeu?

6ª pintura

Sentimento: É, o primeiro sentimento foi tristeza.

História: Eu acho que ela estava com o marido dela ou algum amante dela, aí, ele deixou uma carta, dizendo que ele ia ter que ir embora e tal. Aí, ela acordou de manhã e viu essa carta, então está triste. Mas se bem que têm malas aqui do lado, né, então tipo. Ah tá, já sei, ele foi, tipo, embora trabalhar e ela resolveu que vai embora, então deixou essa carta, as malas tão preparadas pra ela ir embora.

Pesquisador: E para onde você acha que ela está indo?

Participante 1: Para casa da mãe dela, a casa em que ela viveu a infância, ela tá indo se encontrar de novo.

7ª pintura

Sentimento: Primeiro sentimento que me vem é de tensão porque parece que ela

está muito preocupada.

História: O lugar tá muito vazio e só tem pessoas nessa parte de cima, que estão resolvendo algum negócio importante, e ela está muito preocupada com a resposta do que vem aqui em cima, tipo, e está muito vazio justamente porque precisa ter concentração aqui dentro dessa sala e o que eles tão conversando? Deixa eu pensar... Eu acho que são irmãos que estão conversando sobre algum negócio de família, tipo, uma máfia de irmãos, então estão resolvendo um negócio de família. E aí, conforme for, vai ser, tipo, o destino do negócio, eles estão decidindo quem vai ser o próximo chefe da máfia e, conforme for, alguém vai morrer, entendeu? E é isso.

8ª pintura

Sentimento e História: Quando eu bati o olho, eu pensei que ela tava com algum papel aqui, aí, o primeiro sentimento foi de segredo, que ela estava escondendo alguma coisa dele. Mas depois, eu vi o piano, só que eu acho que é segredo mesmo porque ela não tá com uma postura de quem vai tocar piano, mas tipo, fazendo alguma outra coisa. Deixa eu pensar em um sentimento... Distanciamento, os dois têm uma mesa para conversar juntos, mas não usufruem dela, ele fica na bolha dele com o jornal e ela fica na bolha dela com a música e com o piano, entendeu? E na minha mente, tipo, esses quadros são dela. Ela não trabalha e o marido dela, tipo, acabou de chegar do trabalho, só que também não dá atenção para ela e nem se dá atenção. Ela tem um lado artístico e nenhum dos dois tem um contato verdadeiro, assim, profundo, apesar de serem casados... E o motivo pelo qual eles têm distanciamento é porque ele é muito empenhado no trabalho e ela, além do lado artístico, não sai de casa direito e ela se sente infeliz com isso. E ele tá infeliz com o trabalho dele.

Pesquisador: Por que ele tá infeliz com o trabalho dele?

Participante 1: Por causa da postura dele; ele parece estar cansado, lendo o jornal para ver o que está acontecendo de diferente do trabalho que eu estou, algo para mudar a mente, entendeu?

Pesquisador: Mas o que pode ter acontecido no trabalho para ele não estar feliz?

Participante 1: Ah, coisa, tipo, coisas de trabalho, tipo, em coisas de economia, bolsa, ele trabalha com coisa financeira; não está indo bem, entendeu?

9ª pintura

Sentimento: É um sentimento de fuga, parece que ela está indo viajar para outro lugar, então fuga.

História: Parece que ela está indo para outro lugar para, tipo, se reencontrar. Ah tá, é aquela mulher lá do quarto, que estava lendo a carta. Depois de muitos anos dela ter voltado para a cidade onde ela cresceu, ela volta para a cidade grande de novo para reformular a vida dela, a partir do que ela aprendeu, retornando para casa. E, tipo, o que ela aprendeu? É tipo, ela se ama mais. Eu acho que não depende do marido que ela tinha e de nenhum homem. E aqui, ela está vendo a respeito do emprego que ela vai fazer entrevista. Entendeu?

Pesquisador: Quanto tempo passou?

Participante 1: Uns 20 anos.

Pesquisador: O emprego que ela vai fazer entrevista é relacionado a quê?

Participante 1: À moda. É que ela está muito bem-vestida, por isso que me vem em mente, então loja de roupa, mas algo que vá trazer bastante dinheiro para ela, mas alguma coisa relacionada à moda.

10ª pintura

Sentimento: Tipo, desespero e decepção, a primeira coisa que me vem em mente é decepção.

História: Ela parece alguém que, tipo, alguém que acreditou na cidade grande,

mas percebeu que não trouxe os benefícios que ela achou que ia trazer, ela tá sozinha, num lugar pequeno e é isso, sentindo desespero e decepção, pensando que o tempo passou e não veio nada.

Pesquisador: O que aconteceu com ela para estar decepcionada?

Participante 1: Na minha cabeça, foi que ela perdeu o emprego.

Participante 2

Entrevista

1. Qual sua idade, a cidade da qual você veio e o curso/faculdade escolhido?

R: Eu tenho 18 anos, venho de uma cidade do interior e eu faço jornalismo aqui na PUC.

2. Descreva o processo completo de mudança, desde o motivo e a tomada da decisão de realizar essa transição até realmente efetua-la.

R: Então, eu sempre soube que eu viria aqui pra São Paulo, desde que eu tinha 14 anos, porque, assim, a família da minha mãe é do ABC, mas minha mãe fez faculdade aqui e, depois, foi pro interior com meu pai. Meu pai, ele é de lá, aí ele mudou para cá no terceiro ano do ensino médio, fez faculdade, morou mais 12 anos aqui em São Paulo, conheceu minha mãe na faculdade, eles casaram depois de um tempo, tiveram filhos e voltaram para o interior. Meu pai sempre foi muito aberta para essas coisas, sabe? Ele sabe que lá é uma cidade pequena, com 120 mil habitantes, faculdade lá, não tem de Jornalismo pra você ter uma noção, então meu pai sempre quis que eu saísse de casa e fosse viver, que foi o que ele fez, ele teve essa experiência com meu avô e queria que eu vivesse isso também. Aí, eu queria vir para São Paulo de todo o jeito, não queria fazer faculdade em outro lugar mesmo que fosse cidade grande, então o que aconteceu foi de eu terminar o terceiro ano e meu plano era fazer o cursinho lá pra, depois, vir para cá porque eu achava que não ia passar em nada, então ia fazer assim. Mas aí, minha mãe me incentivou a fazer o vestibular, me inscrevi na prorrogação do vestibular, vim para cá, fiz a prova e acabei passando. Aí, foi tudo que eu queria e eu vim para cá.

3. Você enfrentou desafios nesse processo? Se sim, quais?

R: Eu achei muito tranquilo no geral, assim, mas eu tive que me acostumar muito com esse negócio de transporte porque, em São Paulo, é muito tenso e, assim,

na minha cidade, eu dirigia, pegava o carro da minha mãe; lá, em 20 minutos, você atravessa a cidade, então qualquer coisa que você faz é, no máximo, 5 minutos e isso é uma coisa que eu, até agora, não me acostumei aqui, mesmo de transporte público, qualquer lugar que você vai é, tipo, uma hora. Mas de resto, foi bem tranquilo, meus pais me apoiaram muito, o apartamento é bem pertinho daqui da PUC. Aí, meus pais, eu acabei de voltar de casa por causa da Páscoa, eles vieram para cá mês passado e mês que vem, voltam de novo para me visitar, então está bem tranquilo e eu tenho conseguido me virar sozinha.

4. Como foi o processo de adaptação aos novos arredores?

R: Meu senso de direção é horrível, me perco muito fácil, então antes das aulas começarem, minha mãe ficou uma semana comigo pra gente mapear um pouco a área, onde tem mercado perto, onde tem farmácia perto e coisas do tipo. A gente ficou andando um pouco e as ruas aqui são todas inclinadas, né; nossa senhora, parece uma escalada. Mas ela me ajudou a explorar aqui em volta, então eu meio que fiz isso com ela e aqui é muito bonito.

5. Como foi a reação dos familiares sobre o processo de mudança?

R: Muito, todo mundo ficou muito feliz. Assim, minha avó, a mãe do meu pai, ela tava meio você sozinha em São Paulo? Porque os filhos dela eram todos homens, então ela ficava menos preocupada, mas comigo foi muito, tipo, minha netinha sozinha e longe. E também ficou preocupada com minha mãe porque eu e ela somos muito próximas e, na minha casa agora, só tem meu pai, minha mãe e o meu irmão mais novo que não é tão próximo assim deles, então minha vó tava preocupada com minha mãe se sentir sozinha.

6. O sentimento de solidão foi um aspecto presente durante o processo de mudança para a cidade nova e a adaptação ao curso escolhido? Caso tenha sido, quais estratégias foram utilizadas para lidar com isso?

R: Ah, é que, assim, eu não tenho nenhum problema em ficar sozinha, sou muito em paz com ficar um dia inteiro na minha casa, fazendo minhas coisas, mas, às

vezes, têm uns momentos que bate uma solidão, assim, principalmente quando você vai comer e tem que fazer a refeição sozinha. Porque, assim, na minha casa, eu almoçava e jantava todos os dias com meus pais, eles sempre voltavam do trabalho e as nossas refeições eram juntas, então, assim, toda vez que eu vou comer, eu tenho que ligar o youtube, é meio chato não ter ninguém para conversar, mas faz parte. Quando eu me sinto assim, costumo ligar para minha avó, para família e para meus amigos. E uma coisa que me ajudou muito também é que minha melhor amiga do interior também veio para São Paulo e mora com um amigo dela, que também é de lá, e tá aqui faz tempo, então, assim, dia de semana que eu tô sozinha, eu posso ir para a casa dela e tudo mais. Então me ajuda muito ter ela que também tá passando por esse processo.

7. Você formou uma rede de apoio na cidade e/ou na faculdade? Se sim, como foi essa construção?

R: Então, na minha sala, eu fiquei muito amiga de duas meninas e a gente já foi para festas juntas, elas já ficaram na minha casa porque é muito perto daqui da PUC, então é bom porque elas passam o dia aqui de vez em quando. E eu sinto, também, que sempre que eu realmente preciso, eu tenho a minha família no ABC, posso pegar duas horas de metrô e ir para lá. E meu padrinho também mora por aqui, então, em último caso, tenho outras opções.

8. Como você vê seu futuro em relação à sua experiência na faculdade e na cidade? Quais são suas expectativas?

R: Então, tipo assim, eu pretendo ficar em São Paulo, até porque eu sempre falo: gente, eu vou ser jornalista no interior? Vou trabalhar onde, na TV de lá? Então, tipo assim, eu pretendo ficar em São Paulo, sempre pretendi e, assim, não pelo resto da vida, acho que quando eu tiver uns 40 anos, eu vou encher o saco daqui, mas, por enquanto, eu pretendo ficar por um tempo. E assim, nos próximos 4 anos de faculdade, eu pretendo ficar aqui porque eu duvido eu querer sair pra ficar longe e precisar acordar uma hora e meia mais cedo pra vir, tô muito bem acomodada. Mas depois da faculdade, meu irmão já disse que pretendia vir pra cá e, provavelmente, vamos para o apartamento da Vila Olímpia que a minha

família tem, mas tá alugando agora. Mas é isso, tô muito bem por enquanto.

9. Gostaria de acrescentar alguma coisa ao que já foi dito ou complementar com experiências, pensamentos e perspectivas que ainda não abordamos e você considera relevante?

R: Acho que não, eu acho que é isso mesmo. Eu, na verdade, até estranhei isso de ter achado tão tranquila a mudança; eu esperei tanto tempo para morar sozinha aqui, sabe? Desde que eu tinha 14 anos, eu vinha muito para cá porque, como a família da minha mãe é daqui e meu pai tem o irmão dele aqui, então sempre vínhamos para cá, pelo menos, uma vez a cada três meses. Então eu ficava encantada, falando que queria morar sozinha aqui e finalmente esse momento chegou e eu tô me divertindo muito, nossa, cada festa que vou, que realmente não tem lugar igual. Então eu tinha impressão que eu ia chegar aqui e ter um super baque, achando que minha vida inteira tinha mudado, mas eu achei bem suave, tudo foi encaixando.

Procedimento

1ª pintura

Sentimento: Felicidade

História: É uma conversa, elas tão num cafezinho, tendo uma conversa de meninas, parece um cafezinho antigo, elas tão com roupas bem chiques, elas são boas amigas que chegaram do trabalho porque tão de roupa social e estão conversando da vida delas, sobre o que fizeram no dia. Elas trabalham com escritório, mas são tipo aquelas pessoas que a gente não sabe muito bem com o que trabalham e só tão lá e fazem as coisas delas.

2ª pintura

Sentimento: Melancolia

História: Ai, tadinha, essa é uma mulher melancólica porque a outra tava com uma amiga e essa tá sozinha. Ela tá com uma cara de... Porque, assim, às vezes, você pode comer sozinho e tudo bem, mas ela não tem uma cara muito feliz não, ela está meio triste, parece que ela tava esperando alguém e aí, tá sozinha. No lado de fora, tá escuro... Tá bem triste.

Pesquisador: E o que aconteceu com ela para estar assim?

Participante 2: Ah, ou ela estava esperando alguém que chegou de última hora e disse que não poderia mais e ela queria muito falar com essa pessoa, então ela ficou muito triste porque queria conversar com alguém. Ou ela só estava se sentindo triste e não queria falar com ninguém, então foi tomar um cafezinho pra se sentir melhor.

3ª pintura

Sentimento: Reflexão

História: Eu acho que isso aqui não é a casa dele, acho que é um escritório, acho que ele trabalha nesse prédio. Ele tá olhando pra janela, sem nada pra fazer ou, tipo, no intervalo, só olhando para janela, ele tá pensativo mesmo, pensando em muitas coisas enquanto olha pra janela.

Pesquisador: O que ele está pensando?

Participante 2: Ah, na vida dele mesmo, tipo, o que aconteceu hoje, o que aconteceu na semana passada, para onde eu vou? O que está acontecendo na minha vida? E o que estou fazendo aqui? Olhando para o nada mesmo.

4ª pintura

Sentimento: Não falou.

História: É, tipo, um fim de noite, fim de tarde assim, tem esse lugar que tá quase

fechando. Aí, esses dois, eu acho que eles são um casal porque as mãos estão meio juntas e eles tão lá comendo alguma coisinha e, depois, eles vão para a casa dele ou para a casa dela. E esse cara aqui tá sozinho, saiu do trabalho e ele não tinha nada para fazer e não tinha ninguém esperando ele em casa, então ele foi comer alguma coisinha no restaurante, meio triste. E esse outro quer que todo mundo vá embora para ele fechar o restaurante.

5ª pintura

Sentimento: Separação

História: Acho que é um trem, essa mulher tá lendo o livro dela, cada pessoa tá sentada no seu canto, não tem ninguém sentado junto. Essas pessoas não se conhecem e tá todo mundo sozinho, na sua, resolvendo suas vidas.

Pesquisador: E para onde estão indo?

Participante 2: Eu não acho que isso seja um trem de viagem. Eu acho que eles estão dentro da cidade deles, então acho que estão ou indo para o trabalho ou indo visitar alguma pessoa que mora por perto deles.

6ª pintura

Sentimento: Tristeza

História: Ah, essa moça tá sozinha, no quarto dela, eu suponho que ela mora sozinha porque isso aí é um cubículo, parece meu apartamento. Isso aqui que ela tá segurando é um papel, aí, eu acho que ela tá lendo alguma coisa e não parece muito feliz não. Acho que é uma carta de uma pessoa que ela sente saudades ou, então, a carta de alguém que acabou de ir embora e ela está relendo. Alguma coisa assim, que ela tá lendo nessa carta e deixou ela triste.

Pesquisador: O que está escrito nessa carta?

Participante 2: Eu acho que é alguém que sente falta dela e que ela também sente falta, aí, a pessoa está falando: ai, eu amo muito você e, daqui a pouco, vamos nos ver. Então ela fica relendo isso para se sentir um pouco melhor.

7ª pintura

Sentimento: Tristeza também.

História: Isso aqui é um teatro e aconteceu alguma coisa. Acho que essa moça tinha marcado de assistir ao filme com alguém e a pessoa não apareceu ou, então, aconteceu alguma coisa no meio do filme que ela precisou parar o que ela tava fazendo, ela precisou sair da cadeira dela e ir para o cantinho, dar uma choradinha e uma pensada, falar: meu deus, o que foi isso que eu acabei de ver? Ou ela estava esperando a pessoa, o filme começou e ela ficou triste porque ela quer ver o filme, mas tem que esperar a pessoa

Pesquisador: E quem ela pode estar esperando?

Participante 2: Eu acho que se o filme deixou ela triste, tem alguma coisa a ver com família porque família deixa as pessoas tristes ou com saudades. Ou ela se lembrou de algo que aconteceu com a família dela. E se ela está esperando alguém, provavelmente, é um grupo de amigas ou namorado que deu bolo nela. E como, nessa época, não tinha celular, não tem muito o que ela fazer, só esperar.

8ª pintura

Sentimento: Não falou.

História: Acho que é um casal, eles moram juntos e aí, tá cada um fazendo suas coisas, vivendo seu momento. Eu não acho que eles estejam se ignorando ou que estejam brigados nem nada, eu acho que cada um tá fazendo sua coisinha, ele tá lendo o jornal dele, ela tá fazendo as coisinhas dela. É, acho que é só um momento mesmo, estamos juntos, cada um fazendo suas coisas e esse é o

apartamentinho deles.

9ª pintura

Sentimento: Tranquilidade

História: Esse aqui é outro trem, mas, agora, eu já acho que essa moça está viajando sim, acho que ela está indo pra outra cidade. Acho que ela está indo visitar alguém ou, talvez, só indo viajar mesmo como turista para passear, lendo o livrinho dela e com a janelinha aberta para apreciar a paisagem.

Pesquisador: E quem ela está indo visitar?

Participante 2: Eu acho que ela está indo visitar alguém que ela conhece, não acho que ela seja uma turista, mas não sei quem poderia ser, talvez, da família dela... E acho que ela está lendo um romance, um livro que ela estava esperando há muito tempo para ler e, agora, finalmente teve tempo.

10ª pintura

Sentimento: Tristeza

História: Ela parece uma bailarina, por causa da expressão dela, bem séria. Eu acho que ela está bem, acho que é a mesma coisa daquele outro cara que estava olhando na janela. Só que essa aqui parece bem mais triste porque aquele outro cara estava apenas pensando, ela parece que tá pensando em coisas tristes, ela tá muito reflexiva de um jeito ruim, sabe? Ela está contemplando as escolhas de vida dela. E ela está sozinha no quarto dela, olhando a janela.

Pesquisador: Que coisas tristes que ela tá pensando?

Participante 2: Ah, acho que ela tá pensando, tipo, o que eu estou fazendo aqui? Por que eu escolhi isso? Para onde que eu vou? Esses sentimentos normais de ser humano, quando dá aquela agonia de começo da semana, sabe?

Participante 3

Entrevista

1. Qual sua idade, a cidade da qual você veio e o curso/faculdade escolhido?

R: Eu tenho 19 anos, eu vim de uma cidade do litoral e eu faço jornalismo.

2. Descreva o processo completo de mudança, desde o motivo e a tomada da decisão de realizar essa transição até realmente efetuar-la.

R: Eu tinha várias faculdades que eu prestei e todas resultariam na mudança para São Paulo porque não prestei nenhuma onde morava. Eu tinha muitas opções do que eu poderia fazer, pois tenho família aqui, então eu poderia morar com meu pai e minha irmã, vir com minha mãe e minha avó ou morar sozinha mesmo. Depois que saíram os resultados, comecei a ver e decidi vir para a PUC. Morar com meu pai ou minha irmã era inviável porque ambos moram em um apartamento de um só dormitório e eu ir para casa deles faria com que eles tivessem que se mudar também. Então decidi pesquisar alternativas e vendo que os apartamentos aqui de São Paulo são todos com preço muito alto, eu decidi ir para uma residência estudantil, na Avenida Paulista. Eu achei que fosse ser mais difícil me acostumar porque eu tenho muito problema em me acostumar com as coisas, mas foi bem tranquilo, como eu fico muito tempo na faculdade e, quando estou fora tenho, a possibilidade de ir para a casa do meu pai ou da minha irmã, eu não passo tanto tempo assim sozinha, então foi tranquilo até.

3. Você enfrentou desafios nesse processo? Se sim, quais?

R: Decidir vir para cá. Eu tomei a decisão em uma viagem com meu pai, aí, no meio da viagem, nós tivemos que sentar, conversar e eu explicar para ele que eu queria morar sozinha. Foi mais difícil o antes de vir, o medo de vir do que realmente o medo de estar aqui, muito por insegurança, não sabia como ia me adaptar, como ia ser e, quando eu cheguei, até que foi tranquilo, então eu acho que o mais difícil foi o antes mesmo.

4. Como foi o processo de adaptação aos novos arredores?

R: Eu estava com muito medo de vir para a faculdade e fazer a mudança. Com a cidade, eu já estou acostumada porque, como moro perto, eu vinha aqui constantemente até visitar meu pai, então conheço bem a região. Meu medo mesmo era porque eu estudei na mesma escola por 11 anos e, depois, fiz o cursinho lá, então eu conhecia todo mundo lá e não tinha problema nenhum. Então ter essa mudança, mudar de cidade, de casa, de faculdade, vir para cá, não conhecendo absolutamente ninguém fora da família e o medo do curso não ser o que eu tava pensando, tudo isso me deixou muito nervosa. Mas aí, aos poucos, fui vendo que o curso tá sendo aquilo que eu esperava por enquanto; eu vi que fiz a escolha certa de vir para a PUC e não outra faculdade. O prédio que eu estou morando é muito tranquilo também, então está sendo muito bom mesmo.

5. Como foi a reação dos familiares sobre o processo de mudança?

R: A decisão de morar sozinha, foi meio que tomada em conjunto com a minha mãe, a gente pensou e acabou percebendo que essa era a melhor alternativa. Meu pai não concordou muito com isso, ele gostaria que eu tivesse ido morar com ele, mas ele não tinha muito o que fazer. Até hoje meu pai fica meio que dizendo que “a decisão de morar sozinha foi sua, então você vai ter de arcar com isso”. Mas com minha mãe foi mais tranquilo porque nós chegamos juntas a essa decisão.

6. O sentimento de solidão foi um aspecto presente durante o processo de mudança para a cidade nova e a adaptação ao curso escolhido? Caso tenha sido, quais estratégias foram utilizadas para lidar com isso?

R: Isso era o que eu mais tinha medo mesmo, de vir para cá e me sentir sozinha porque além de estar morando sozinha, eu sempre tive bicho em casa e, quando eu vim para cá, eu não podia trazer nenhum, então era algo que eu tava com medo, de me sentir muito sozinha. E assim, é uma sensação engraçada, eu gosto de estar sozinha, mas é muito diferente estar sozinha porque eu quero e

estar sozinha por realmente não tem ninguém para estar lá comigo, mas eu tenho muita sorte de ter essa irmã perto de casa, então quando eu tô me sentindo muito sozinha, eu posso ir para a casa dela e eu também sempre mantenho contato com a minha mãe, com meus amigos de casa, então eu acho que não estou me sentindo tão sozinha. Mas eu ainda quero adotar um bicho porque, quando estou em casa, eu ainda me sinto meio, ah tô aqui, fazendo nada e não tem ninguém comigo, minha irmã trabalha e eu acho que um bicho, um gato me ajudaria muito. E o pessoal da faculdade também ajuda muito. Outra coisa que faço em casa que me ajuda muito é colocar alguma coisa ao vivo na televisão, então ver algo e ter outra pessoa ali; quando eu estou em casa, eu deixo 100% do tempo a TV ligada com algo no fundo, seja youtube, live porque se eu ficar em silêncio absoluto, eu sinto que vou ficar maluca, então deixo a TV ou fico de fone, isso me ajuda muito.

7. Você formou uma rede de apoio na cidade e/ou na faculdade? Se sim, como foi essa construção?

R: Sim, com a minha família aqui, foi mais fácil, não só a próxima, mas a extensa também, tios e primos. E o pessoal da faculdade também, outras pessoas que não são de São Paulo, a gente fica nessa de falar que tá com saudades de casa, pessoas que entendem. Porque como a maioria das pessoas da minha sala é daqui de São Paulo, eles não entendem e não tem como eles entenderem. E eu tenho uns amigos que vieram da mesma cidade que eu e a gente acaba conversando para falar sobre nossa casa e tudo mais, todo mundo vai se apoiando.

8. Como você vê seu futuro em relação à sua experiência na faculdade e na cidade? Quais são suas expectativas?

R: Não sei, nunca parei para pensar. Eu ainda acho que vou voltar para casa quando eu acabar a faculdade, mas tudo vai depender de como as coisas correrem por aqui, as oportunidades e tudo mais. Sobre a cidade, acho que não tenho muitas expectativas, acredito que vá continuar como sempre estive. Eu sempre fui muito independente, mas agora é, tipo, 100% de independência, então eu tenho que me virar para fazer as coisas de casa, coisas pequenas que acho

que vão mudando aos poucos, tipo, se eu precisar ir para o hospital, eu tenho que ir sozinha, algo que nunca fiz. Ou se acontecer algo em casa e vai vir gente fazer manutenção, eu que tenho que ficar para receber; se eu for sair, eu não tenho que avisar ninguém. Essas coisas pequenas que vão mudando e, como não tem uma data certa para acabar, eu sinto que vai amadurecendo e vai me tornando mais forte. Eu vim para cá no fim de fevereiro, então faz pouco tempo, mas sinto que, com o tempo, vai mudando

9. Gostaria de acrescentar alguma coisa ao que já foi dito ou complementar com experiências, pensamentos e perspectivas que ainda não abordamos e você considera relevante?

R: Está sendo mais fácil do que esperava ser. No dia que me mudei de vez para o apartamento que estou, foi o mais difícil de todos porque chegar no apartamento e pensar: nossa, agora, vai ser isso aqui meus próximos quatro anos e é isso... É uma sensação de desespero que dá, parece que fiquei abandonada, mas com o passar dos dias, eu vi que não tava realmente abandonada e que eu tinha muito apoio de todos os lados e que, qualquer coisa, eu podia pegar um ônibus e ir para minha casa mesmo.

Procedimento

1ª pintura

Sentimento: Não falou.

História: Parecem duas amigas conversando num café assim, numa tarde, se encontrando. Mas não amigas que se vem bastante; elas só tão contando o que está acontecendo na vida delas assim.

Pesquisador: O que está acontecendo na vida delas?

Participante 3: As duas trabalham, foram trabalhar e tavam contando como foi o trabalho delas. Inclusive o casal atrás, ele está entregando alguma coisa para

ela, parece um presente, então deve ser alguma data especial para eles.

Pesquisador: Com o que elas trabalham?

Participante 3: Em um escritório.

2ª pintura

Sentimento: Solidão. Ela parece sozinha, talvez, por estar numa mesa redonda; não sei porquê, mas tenho uma sensação de que a mesa redonda cabe muito mais gente.

História: Ela tá numa mesa redonda sozinha, então eu acho que ela tá se sentindo sozinha, mas eu acho que ela está esperando alguém aí, então eu acho que ela está tendo um dia ruim e está esperando alguém chegar pra compartilhar como foi o dia dela até porque tem uma cadeira posicionada bem na frente dela. Eu acho que ela está esperando um namorado, talvez.

3ª pintura

Sentimento: Me deu uma sensação de paz porque me lembra minha casa.

História: Parece que ele está trabalhando com alguma coisa de carpintaria e parece que ele está tendo um dia bom, assim, parece que ele está vendo o dia, as coisas passarem, é tudo aberto, parece um lugar fresco, ele parece estar tendo um dia bom.

Pesquisador: Por que o dia dele está bom?

Participante 3: Não sei, o dia tá claro, o lugar que ele trabalha parece que traz uma paz assim. Eu gosto muito de cidade, então os prédios, uma sensação de conforto e estar em casa.

4ª pintura

Sentimento: Não tem

História: Parece um fim de noite, tudo está fechado e tem essas pessoas conversando. Nossa, difícil essa. Esses dois são amigos e eles tão esperando dar o horário de fechar o bar que estão e esse outro tá só matando tempo, só decidiu sair pra dar uma volta e era o único lugar aberto na região, então ele decidiu ir aí pra passar o tempo. E esses dois fizeram amizade com o dono do bar e estão conversando.

5ª pintura

Sentimento: Me deixou feliz porque parece que estão todos indo viajar.

História: Essa parece que está viajando a trabalho, pela roupa dela. Mas parece uma viagem normal de trem e eles estão indo para o interior. Me deu uma sensação boa porque eu adoro viajar, ainda mais de trem. Eles tão indo para o interior, essa moça vai visitar uma outra sede da empresa em que ela trabalha, um bate e volta.

6ª pintura

Sentimento: Não falou

História: Ela está limpando um machucado no joelho, parece que ela saiu do banho agora e, talvez, ela tenha escorregado e batido o joelho. Sabe aquelas banheiras que tem um chuveiro? Ela foi sair e bateu o joelho na borda da banheira e ela sentou para limpar e colocar alguma coisa, deve ter cortado pela batida forte. E ela tá se arrumando para ir para uma festa com as amigas dela, tipo um clube, uma balada. Ela tá muito concentrada no machucado do joelho dela, mas ela tá animada com a festa.

7ª pintura

Sentimento: Investigação

História: Parece que ela é uma detetive que está vendo o alvo dela na plateia do teatro e ela tá estudando a plateia; ela tá vendo quem poderia ser o alvo dela, da missão que ela tá cumprindo e ela tá perto da saída para que, assim, que ela conseguir identificar ela ir embora.

Pesquisador: E quem ela está investigando?

Participante 3: Uma pessoa, mas nem ela sabe quem ainda; ela está tentando descobrir, só passaram para ela que uma pessoa nesse teatro ia explodir uma bomba e, aí, ela está vendo quem poderia ser essa pessoa e, assim que ela ver uma movimentação suspeita, ela vai subir essas escadas para ir avisar os chefes dela.

8ª pintura

Sentimento: Paz também

História: Parece que é um casal fazendo as coisas normais do dia a dia, sabe? Passando um tempo de qualidade juntos, a impressão que passa é que eles tão aproveitando um tempo de qualidade juntos e parece que é algo que eles fazem todos os dias. Ela acabou de sentar para tocar piano, ele tá lendo o jornal, os dois chegaram agora do trabalho de cada um e estão aproveitando o que gostam de fazer na presença um do outro. Chegaram há pouco tempo e foram fazer o que gostam, mas na presença um do outro. Ele trabalha em uma agência de advocacia e ela é presidente de uma agência de viagens.

9ª pintura

Sentimento: Felicidade

História: Ela está viajando e parece que está muito feliz. Eu diria que ela está indo para uma cidade grande, como Paris, e ela está lendo sobre o lugar para onde ela está indo viajar. E ela resolveu tirar um tempo sozinha e aproveitar esse tempo sozinha para conhecer uma cidade que ela sempre quis conhecer, sozinha para ela conseguir fazer o que quiser, conhecer pessoas novas e ela chegou e pegou o primeiro trem que viu, tanto que ela tá indo sem mala, tá indo só porque deu vontade, então pegou e foi. E aí, ela comprou, numa banca, alguns livros sobre o lugar e está lendo e marcando o que ela quer conhecer.

Pesquisador: Quanto tempo ela vai passar lá?

Participante 3: Indefinido, ela só foi.

10ª pintura

Sentimento: Me passou uma paz porque eu adoro ficar sentada, vendo a janela como uma velha fofoqueira.

História: Ela tá vendo o movimento da rua, ela acordou, leu um livro e resolveu ficar vendo o movimento da rua mesmo. É um dia tranquilo, tipo, um final de semana assim e ela tá tirando um dia para ela; ela tá aproveitando e descansando, fazendo só coisas que não exijam muito pensamento. Então ela resolveu ficar aí, sentada, acompanhando o movimento, vendo as pessoas na rua passarem, ver o que os outros estão fazendo e, depois, ela vai levantar, vai comer alguma coisa fácil, tipo um sanduíche, e vai assistir um filme, alguma coisa assim.

Anexo 1 – Pinturas utilizadas

1. Chop Suey (1929)



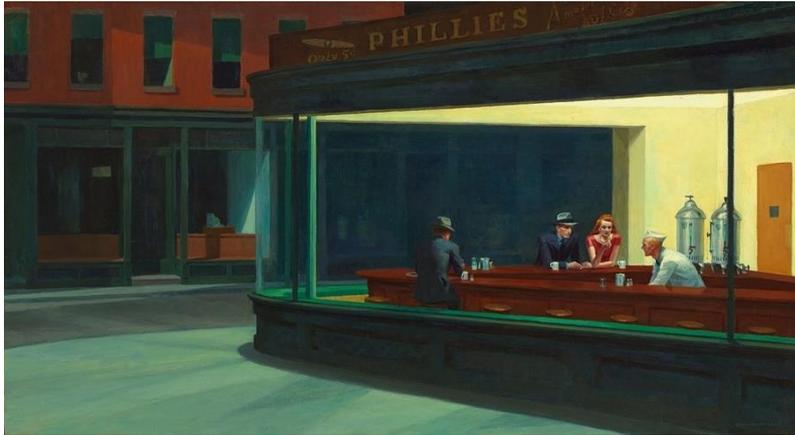
2. Automat (1927)



3. Office in a Small City (1953)



4. Nighthawks (1942)



5. Chair Car (1965) by Edward Hopper



6. Hotel Room (1931) by Edward Hopper



7. New York Movie (1939)



8. Room In New York (1932)



9. Compartment C Car (1938)



10. Morning Sun (1952)

